

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES :

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

RENOVAÇÃO. Edgór Fernandes e Vicente do Régo Monteiro. Renovação Sindical, P. Leopoldo Brentano S. J. Seleção Profissional, Prof. Gonçalves Fernandes. Livros, O Homem Novo da América, Augusto Duque. Farias Brito e o conceito de alma, Raimundo N. Fernandes. Bolívar, Edson Moury. Depois Cartarás, Cleodon Fonseca. O Brasil na nova poesia de França, Teófilo, Vicente do Régo Monteiro. Cinema Brasileiro, Murilo Campos Falcão. Os Círculos Operários, nos tempos presentes, Pe. José Tavora. Da nossa responsabilidade, António Toscano. Os mestres da Pintura Moderna, Geo Charles. Carta ao Sr. Burgo mestre, Vicente Filippaldi. O Abastecimento d'água no Recife, Archista e a Medicina, G. Fernandes. Cadastro e nomenclatura das ruas do Recife, Souza Barros. Novos Rumos, Silvino Lira. Escotismo e defeza nacional, Oswaldo Guimarães. Educação Proletária, Arnobio Graça. Ração Alimentar, Luis Chaves. O homem que não pôde fugir de Babilônia, Alfredo Pessoa de Lima, etc.

Redação :

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE



EXPEDIENTE

"RENOVAÇÃO"

Orgão de Ação Educacional Proletária
Direção — **Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro**

RUA DO BCM JESÚS, 207 - 2.º andar

Número avulso 1\$000
Número atrasado 2\$000

Assinatura para 24 números :

Na Capital 30\$000
Ne interior 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente

Os originais literários enviados a
"RENOVAÇÃO"

Não serão devolvidos, ainda que não
sejam publicados

COOPERATIVA DOS PLATADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

UNICA DISTRIBUIDORA DOS PRODUTOS DA
FABRICA DE FARINHA PANIFICAVEL
DO "IBURA"

Teleg. "MANDIOCA"

FONE 5569

ESCRITÓRIO

Avenida Marquês de Olinda, 277

RECIFE

PERNAMBUCO

BRASIL

SEGURO CONTRA FOGO

PEARL ASSURANCE & CO. LTD.

(Companhia Inglesa de Seguros "PEARL")

Capital e reserva excedem a : £ 83.644.856

mais de sete milhões de contos

AGENTES GERAIS NO ESTADO

ALBERTO FONSECA & CO. LTD.

End. Tel. : "OTKEBLA". FONES 9262 e 9343

122, AVENIDA MARQUÊS DE OLINDA, 122

RECIFE — PERNAMBUCO

Construa a sua casa própria
em pagamentos mensais mo-
dicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S/A



PALACE HOTEL Domingos Magalhães

End. Tel. : PALAÇOTEL

FONES : 2041 — 2638

Água corrente em todos os apo-
sentos. O mais higiênico do Recife

ELEVADOR ELETRICO

Praça Maciel Pinheiro, 330

Hospício n.º 7

RECIFE — Pernambuco

MANOEL ALMEIDA & CIA. LTD.

Armazem de Ferragens

Rua do Imperador, 354 e
R. Diario de Pernambuco,
n.º 101

FONE, 6391 — RECIFE



RENOVAÇÃO

Síntese de uma vontade despretenciosa que vai realizando, em Pernambuco, a elevação do nível espiritual e material das classes trabalhadoras, RENOVAÇÃO não poderia restringir a sua ação educativa e patriótica aos grandes centros do litoral. Daí, a penetração que o nosso movimento cultural, artístico e ideológico realiza no interior do Estado levando até o trabalhador do campo aquêles ensinamentos de amôr á família, á religião e á terra, que estruturam a política agrícola sabiamente orientada pelo Governo Nacional.

Estamos, assim, atingindo os altos objetivos que nos propuzemos, como órgão de colaboração com o Estado Novo Brasileiro, esclarecendo e orientando a opinião trabalhista de nossa terra, acerca das razões políticas, econômicas e morais que integram a solução dos grandes problemas da Pátria.

Enfim, RENOVAÇÃO é um veículo de educação e doutrina que corresponde á nossa vontade enérgica de aprimorar no meio proletário de Pernambuco essa mentalidade nova, compatível com o regime de disciplina e trabalho instituído no Brasil pelo gênio político do Presidente

V a r g a s

NOVOS RUMOS

Silvino Lira

A IDÉIA do Estado tem suscitado intensas controversias, mesmo no terreno da doutrina.

Interpretada ao sabor das inúmeras ideologias, por vezes tem êle sido elevado aos pontos mais culminantes, e por vèzes rebaixado aos mais desencontrados e infundados conceitos.

Endeusado por uns, condenado por outros, temível e respeitado ou vilipendiado e alvo de todos os assaltos à sua destruição, êle permanece ainda em equação, cuja incognita desafia a sagacidade e a perspicacia dos pensadores.

Dir-se-ia que condições não perceptíveis ainda à inteligência, intensifiquem a confusão e desordens tão acentuadas, como aquelas caracterisadoras do momento.

Mas, para sentir o pulso dessas forças misteriosas que trabalham subaneamente, imperceptíveis por vezes à razão, a destruição do Estado, bastaria uma ligeira exploração no vasto campo do pensamento, palmilhando as estradas que têm norleado as sociedades ha dois séculos.

A crise hoje apresentada no cenário univèrsal, sempre palpavel através dos tempos.

O enoque entre o individuo e a coletividade, ou melhor, a procura da relação harmoniosa entre LIBERDADE E AUTORIDADE, justificam o fundamento de todas as questões politico-juridico-sociais.

* * *

Sem remontar às origens mais distantes dessa crise constante na história, pôde-se encontrar no espirito do século XVIII, uma resposta bem concentanea à natureza da indagação formulada.

O naturalismo, impregnando o homem da impressão de que estava liberto, tê-lo sonhar com a sua inteira independencia da vida hierarquica caracterisadora dos organismos cósmicos, como a sociedade.

O liberalismo, imaginando um homem artificialmente bom, mas que fugiu da realidade por ser apenas o reflexo de divagações literárias, crêu uma situação inconsistente para êle, e deslocou-o do seu ambiente.

Rousseau, idealizando o homem natural, outra face do homem cívico que é o cidadão do universo, igual em toda parte, deu origem a um ritmo descompassado na vida social que, concebida em bases falsas e assentada em terreno movediço das concepções apressadas, caracterizou a destruição das forças que poderiam cooperar a um ritmo de ordem e de equilibrio.

As linhas estruturais desse pensamento, visando um homem utópico, absolutamente fóra da realidade social, onde sobressaem norleando a marcha dos agrupamentos humanos, fatores de ordem geográfica e econômica, projetou um monstrego que prestava o serviço militar e, nas vespèras das eleições, depositava na urna eleitoral o voto inconciente e alheio aos interesses nacionais.

É evidente que o homem não é o animal de rapina com a mão armada, creando a sua propria destruição. Porém não é tambem o anjo de candura das elucubrações dos adeptos da deusa natureza. Porque êle é, an-

tes de tudo, um complexo de espirito e materia, ora subordinado às condições do meio, ora modificando os ambientes e interferindo no proprio curso da história.

A sociedade por consequencia, não é a resultante exclusiva da vontade individual, porque a inteligencia é necessitada ao mesmo tempo em que, a vontade é necessitada e livre. E as suas ações são sempre preordenadas pela razão.

Portanto, o mal necessário — o Estado, — expressão mais perfeita do contrato social da teoria de Rousseau, não pôde ser o joguète das facções ou das minorias privilegiadas.

E não é possível, como desejava Rousseau, que da mesma maneira voluntarista com que se constituiu a sociedade, se criasse a sua dissolução manifestando-se o distrato social.

Essa teoria deixou ao sabôr das facções e das minorias astuciosas e privilegiadas, os supremos destinos do Estado que, subordinado ao govêrno da natureza tornou-se o tabú, o guarda fiel das leis postas à sua guarda, pela boa deusa dos naturalistas; deu forma não mais a um centro de organismo social, porém modelou um misero fantoche desfibrado, um bonéco de engonços, um titere cujas atitudes e movimentos diversos, se subordinaram as forças que êle não poudé dominar.

A Política, perdeu em resultante o seu carater normativo, para transformar-se em ciencia absolutamente especuativa.

E as expressões morais e econômicas, jogadas ao seu próprio destino e entregues inteiramente ao *Laissez faire — laissez-passer*, seguiram o destino que lhes foi imposto pelo *struggle for life*, onde sobressai o predomínio da força e da astúcia.

E quando a desordem precisou o ritmo descompassado de angustia no coração de todo organico da sociedade, resultado do entreccho das forças antagonicas nos embates à subsistência, e o estado manifestou o desejo de reagir, foi considerado revolucionário e fundamentou a reação manifesta no distrato social, evidenciavel na atitude das forças que se antepuseram à sua ação moralisadora.

Ainda, os partidarios da força como Hobbes, que subordinam o dominio das coletividades aos fortes, que, empregando a força e a astúcia dominam o agrupamento de bestas ferozes, impondo-lhes uma forma de Estado somente comparavel ao monstro frio, filho da volúpia nitskeana.

Tais concepções constituíram as pedras angulares de todo o pensamento politico da sociedade burguesa, e foram a propria genese do fenómeno constante do revolucionarismo das quarteladas inexpressivas, a serviço dos instintos desgovernados e dos apetites mal sopitados, ou então, dando forma a indiferença dos temperamentos conformistas que, inteiramente alheios à marcha do Estado, procuraram no "eu" a causa final da existência.

A teoria liberal por consequente, foi a genetriz dos erros provocadores da reação contemporanea, que caracteriza a hora de transição politica do momento.

E nem mais o otimismo literário de Rousseau ou

(Continúa na pag. 26)

Renovação Sindical

Pe. LEOPOLDO BRENTANO S. J.



E em todas as relações sociais e, particularmente, nas do trabalho é necessária uma renovação, uma revisão de doutrinas e de costumes, muito mais urgente é esta renovação na esfera do sindicalismo.

O fundo do sindicalismo é uma ideia profundamente cristã: a aproximação e solidarização daquêles que lidam no mesmo gênero de trabalho. O verdadeiro fim do sindicato é o aperfeiçoamento profissional, cultural e espiritual dos seus membros, a garantia do trabalho e a defesa legítima dos interesses gerais da profissão.

O sindicalismo teve e tem dois grandes inimigos: o liberalismo individualista e o marxismo. Ambos ainda continuam na arena.

O liberalismo, triunfante pela revolução francesa de 1789, estabelecendo sob a capa da liberdade o isolamento dos trabalhadores, extinguiu as antigas corporações que eram uma forma genuína de sindicalismo e negou ao operariado o direito de associação e mesmo o de se reunir em assembléa, ocasionalmente, para ventilar assuntos trabalhistas. (Lei de 1791).

Abriu assim todas as comportas aos desmandos do egoísmo prepotente que gerou os excessos do capitalismo e a escravidão do operariado.

Pio XI qualificou o liberalismo económico de "pesada herança dos erros de um regimen económico iníquo que e exercitou seu ruinoso influxo durante várias gerações".

E ainda agora existem muitíssimos adeptos do liberalismo individualista, em especial empregários que negam aos trabalhadores o direito de unir-se e associar-se, e operários que não compreendem os benefícios da união.

O marxismo, tanto sob a forma de socialismo como de comunismo, não prejudicou menos os verdadeiros interesses do sindicalismo, porque o desvirtuou, fazendo dê-lo um instrumento de ódio, de lutas e destruição.

O sindicato marxista ou manobrado por marxistas não só vive para lutar pela defesa legítima e bem estar dos sócios e da profissão, mas vive para lutar pela defesa legítima e bem estar dos sócios e da profissão, mas vive da luta. Alimenta o ódio de classes, desperta no operários a má vontade,

faz dê-lo um descontente, um revoltado. Por isto, quando não ha casos, cria-os. Quando todas as reivindicações foram satisfeitas, inventa novas, mesmo que sejam absurdas. Não reconhece no operário deveres, mas só direitos. Procura aguerrir assim as massas para a revolução.

A doutrina e tática marxista constitue um veneno terrível que entoxica a alma do trabalhador e provoca no elemento patronal um recionarismo truculento.

O marxismo prejudicou o bom nome dos trabalhadores perante a opinião pública e despertou no ambiente patronal um preconceito, uma ogeriza, um verdadeiro pavor do sindicato.

É tempo de fazermos uma revisão destes sistemas, integrando o sindicalismo na sua genuína concepção e prática.

A Igreja Católica, Mestra sapientíssima dos povos e autorizada por sua missão divina, estabeleceu os verdadeiros principios sôbre o sindicalismo.

A Sagrada Congregação do Concilio, encarregada de estudar e decidir as questões doutrinárias, condensa êstes principios em normas bem claras contidas nas seguintes proposições que têm universal applicação:

Primeiro: — A Igreja reconhece e afirma o direito dos patrões e trabalhadores de constituir associações sindicais, tanto puras como mixtas, e vê nessas associações um meio eficaz para resolver a questão social;

Segundo: — A Igreja no estado atual das cousas, acha moralmente necessária a constituição dessas associações sindicais;

Terceiro: — A Igreja exorta a constituir as ditas associações sindicais;

Quarto: — A Igreja quer que as associações sindicais sejam estabelecidas e governadas conforme os principios da fé e da moral cristã;

Quinto: — A Igreja quer que as associações sindicais sejam instrumentos de concórdia e de paz e a êste respeito sugere a instituição de comissões mixtas, como meio de união entre si (i e., dos operários e patrões);

Sexto: — A Igreja quer que as associações sindicais suscitadas por católicos, se constituam entre católicos, sem desconhecer, no entanto, que necessidades particulares podem obrigar a obrar diferentemente;

Sétimo: — A Igreja recomenda a união de todos os católicos para um trabalho comum nos vínculos da caridade.

(Continua na pagina 30)



CARTA ABERTA AO SR. NOVAIS FILHO

Sr. Burgomestre

Sabe-me melhor assim chamar-vos, que, na verdade, vós sois bem um burgomestre à moda antiga.

De um burgomestre de antanho é o amor (amor de dono de casa) que tendes pela vossa cidade; de um burgo-mestre de antanho é a fidalguia lhana e, vamos dizer, caseira, com que recebeis os viajores que por aqui aportam; de um burgo-mestre de antanho é a afetuosidade com que tratais os vossos concidadãos, pondo-os, ainda, num cômodo à-vontade para convosco comerciar o bom comércio da amizade e das idéas.

E é esse bom comércio que convosco vou comerciar, sr. burgo-mestre.

Eu, embora nascido na banda esquerda do caudaloso Uruguai — lá, na mui heróica cidade de Uruguaiana — sintome recifense da gema. Amo o Recife como si desta terra fôra. E não é sem motivo: aqui labuto ha quasi três lustros, aqui me casei e, “dulcis in fundo”, aqui nasceram meus filhos.

Foi, pois, como recifense que eu andei, por ocasião do Congresso Eucarístico mostrando a vossa, a nossa cidade, a alguns amigos que das plagas sulinas vieram aqui ter. Mostrei-lhes os velhos solares da Madalena; e o coqueiral da Boa Viagem; e as pontes; e a iluminação dos rios... Disse-lhes de como, entre nós, a vida é doce e amável. Falei-lhes das nossas mangas e dos nossos abacaxis. Falei-lhes dos magníficos e nutridos camorins que as marés de lançamento soem, na hora da “parada”, trazer para debaixo das pontes; daqueles que abrem anzões “cara-torta” e rebentam arame de aço inglez, de três pernas; daqueles que estão a pedir, com urgencia, contorno de sumarentos figos de Smirna e irrigação de capitosos vinhos de Chypre...

De tudo isso falei-lhes. E da vossa obra, ainda. Mas, embatuei — como costuma dizer o vulgo em seu chulo linguajar — quando eles, os meus amigos sulistas, me indagaram da nossa orquestra sinfônica.

Ah! sr. burgo-mestre, naquele momento eu bem compreendi o grito angustioso que o “Altíssimo Poeta” colocou na boca do Conde Ugolino, no XXXIII canto do “Inferno”:

“Ahi dura terra, perché non t’apristi?”

E quis dizer-lhes então, as razões por que o Recife não tem a sua orquestra sinfônica; quis dizer-lhes, também, da minha tristeza por não termos podido dar-lhes

a manifestação d’arte que, eu sei, seria grata aos seus corações de cristãos cultos: a execução de um grande oratório.

Imaginai, sr. burgo-mestre: uma grande, e austera, e negra cortina ao fundo do palco do Santa Isabel; sobre o palco, a magnifica massa coral organizada e dirigida pelo Chantre Pompeu Dinis e, ainda, uma orquestra de sessenta figuras. E no ar, a vibrar, a música sempiterna do velho Cantor. Do velho Bach. Daquele Bach quasi divino que, com uma humildade verdadeiramente cristã, nunca se sentiu digno (“Domine, no sum dignus”) de fazer o Cristo cantar! Que, para exprimir os atos e os pensamentos do Rabino, se servia sempre de um “interprete” que, esmagado e contrito, cantava: “E Ele fez” “E Ele disse”...

Tudo isso eu quis dizer aos meus amigos sulistas. Mas, nada me saiu da boca. Consegui, apenas, articular uma frase vulgar e estúpida, de que ainda hoje me avergonho: — Meus amigos, em materia de orquestra, o Recife está a “neris de tupiniquim”.

Foi essa, a frase lamentavel.

Sr. burgo-mestre:

Novos sulistas virão, em dezembro, ao Recife por ocasião da Exposição Nacional. Façai com que os vossos municipales não tenham que confessar, através de frases rebarbativas, a falta lamentavel de uma orquestra sinfônica na terceira cidade do Brasil.

Fundai a orquestra da cidade. Bem magra pecúnia é necessária para isso: 25 ou 30 contos por ano. Congregae para tal fim, em torno da vossa pessoa, os idealistas que vivem no “Radio Clube”, na “Cultura” e no “Conservatório”; fazei-lhes esquecer os possíveis antagonismos pessoais, e dizei-lhes que o Recife precisa do seu trabalho. E tereis feito uma grande obra de educação artística. E tereis, também, feito uma obra de assistência social. Porque, sr. Burgo-mestre, desde que o cinema se poz a parolar, ha dezenas de musicos-proletários (proletários que são obrigados a andar de colarinho e gravata), sem trabalho. Que vivem não se sabe como. Perante os quais o famigerado prefeito do Corek infante de peito é.

E acreditai, sr. burgo-mestre, na grande admiração do vosso humilde concidadino

Vicente Fittipaldi

SÓIS EXTINTOS

Por Edson Moury



intelectual esquerdista assemelha-se ao astro morto. Êste condensa em tórno de si as poeiras cósmicas. Aquele as poeiras sociais.

Um bocado de gente vive dessa maneira, convocando valores negativos que manobram à sua vontade. Sem opinião própria, sem personalidade, susceptíveis de aumento como de redução, ciclópicos e pigmeus ao mesmo tempo, esses "bolas de cêra" possuem incrível poder de adaptação. Misturam a plasticidade necessária ao homem público com a ausência absoluta de personalidade. Confundem tudo e a todos com tal perfeição que Machiavel sentiria inveja deles. Vivem de ficções, da inversão dos fatos, do ludibrio.

Contra essa casta importuna ao meio em que vive, mercê de Deus, opõe-se a equipe dos homens de idéias claras. Aos componentes dêsse grupo que ora trabalha a reabilitação moral, política e intelectual do Estado não é estranha a obra destruidora dos antagonistas. Nem lhes escapa a justa medida em que os mesmos devem ser considerados. Faltava, apenas, orientação, incentivo, o que se chama, enfim, **pano para as mangas**.

As doutrinas de esquerda propagadas em ambiente social adequado, em ocasiões propícias e momentos excepcionais, revestiram-se, outrora, de certo sucesso, menos pela verdade que pretendem exprimir que pelas condições que aparentavam. A oportunidade psíquica em meio ao caos em que viveu o povo brasileiro quatro anos atrás, tornou fácil a tarefa dos orientadores de ocasional corrente de opinião então existente e uma re-

volução comunista ensopou de sangue o solo cristão do Brasil.

Na hora presente, porém, a luta entre as forças do bem e do mal está travada. A tática entre os dois setores intelectuais definida. Identificados os lutadores e aprestadas as armas para a prova decisiva.

Rebentaram-se os **tabús** e a alma das multidões, transfigurou-se. Vai perdendo as características que a informavam de incapaz para se controlar, cruel, brutal, destruidora. Crédula e suscetível de sofrer influências da demagogia desenfreada.

Ela se renova. Não dispensa os bons guias e sente necessidade de obedecer, embora ainda se verifique que a atividade perniciososa do espírito coletivo é mais intensa que a do espírito individual. As camadas populares nos dias presentes são portadoras de desenvolvido senso crítico e revelam certa cultura. Os **fantoches** do esquerdismo esbarram nêsse ponderavel dique todas as vezes que procuram engodá-las. Não resta dúvida que há dois compartimentos estanques no ambiente social da geração presente. Um contém a verdadeira cultura nacional, outro se decompõe no seu conteúdo. Aquê se manifesta de maneira uniforme, coerente, produzindo incontestavel soma de bons serviços à renovação dos costumes e à segurança das tradições nacionais. Êste produz flagrante desigualdade entre os individuos, exaltando-lhes o instinto e a intuição contra a razão. A utopia de chegar à igualdade absoluta pela luta de classe. O paradoxo de uma doutrina igualitária que gera ódio e aconselha o crime.

Os que de indústria não procuram o real ainda podem iludir-se quanto às idéias dessa gente. Elas não são mais um prato saboreavel pelas massas. Mas antes ténues raios de sóis que pouco a pouco se resfriaram e extinguem.

FARIAS BRITO E O CONCEITO DE ALMA

Raimundo N. Fernandes

A obra de Farias Brito é todo um cenáculo de filosofia. Resume, talvez, a peregrinação maior, o esforço último do espírito para explicar-se a si mesmo. Ele pode ser incluído, sem favor, entre o número daquêles que mais longe penetraram os esconderijos da verdade, para de lá trazer, sinão a própria verdade, pelo menos a compreensão admiravel do que ela seja. Contemporaneo de uma

época impregnada de materialismo, em que a *finalidade universal* nem sequer chegou a ser um mito, porque a vida, caótica e dispersa, não passava de uma simples concepção mecanista — nem de longe, porém, o *virus* dessa nefasta ambiencia conseguiu envenenar-lhe o espírito superior e livre.

Ele foi sobretudo a reação. Afirmou quanto todos negavam. Fez-se um investigador

incansavel e cheio de confiança nas vantagens do seu trabalho, enquanto ao lado a indiferença e o desinteresse cruzavam os braços a todos. Desprezou toda essa filosofia extravagante e absurda que vinha dos escoadouros de Comte e de Spencer, e a que chamou de *filosofia do desespero*, para pregar esse difficil apostolado do espírito, único capaz de dar ao mundo uma filosofia que o explique e defina.

Por vezes, a profundeza dos estudos de Farias Brito deixamos em dificuldades de compreensão. Dir-se-ia inacessivel. Mas é que, claro está, a visão

das distâncias converge a certos limites. E' nos impossivel alcançar aquilo que não está ao nosso alcance. E Farias Brito foi tão longe que, em verdade, difficilmente o atingimos. Acontece, porém, que êle era um filósofo, um filósofo admiravelmente lógico e intuitivo, desses que sabem ser profundos e claros sem cair no obscuratismo ou na vulgaridade, fazendo assim uma obra ao mesmo tempo grandiosa e singela, como si não trajasse o mais difficil de todos os ramos do conhecimento.

(Continua na pag. 28)

RAÇÃO ALIMENTAR

Dr. Luis Chaves

Especial para "Renovação"

É de todo impossível, apresentarmos uma ração alimentar para o homem, apresentando um padrão, um tipo comum de alimentação, de vez que a mesma é ditada pelas necessidades que o organismo impõe.

Estas necessidades são orientadas pelos fatores: idade, tipo individual, estado fisiológico, sexo, profissão e clima. Só então, podemos traçar um regime racional, observando a quantidade e a qualidade dos alimentos que o individuo necessita.

De uma maneira prática, podemos classificar os alimentos em plásticos e energéticos. Os primeiros, são os que reparam os tecidos, os segundos, os que produzem energia.

Entre os energéticos, contamos: oxigenio, hidratos de carbono albuminas e gorduras. Dos plásticos, apontamos: agua e sais.

Ainda um terceiro grupo de alimentos, existe: *os fatores acessórios da alimentação ou vitaminas.*

São estes elementos que permitem o aproveitamento das substancias nutritivas, garantindo o equilibrio das funções de nutrição.

Não é visando apenas o numero de calorias, que se institue um regime racional. E' preciso haver harmonia entre os diversos alimentos. E assim, temos: do valor calórico global de uma ração, 60 % devem ser representados por hidratos de carbono, 25 a 30 % por albuminas e 10 á 15 % por gorduras.

Sabendo-se que uma grama de gordura produz 9 calorias, e, que uma grama de albumina ou de hidrato de carbono 4 calorias, resta saber apenas, o numero de calorias que o individuo necessita por dia e por quilo de peso.

RUBNER, apresenta taboa que nos podemos aproveitar.

Reposuo relativo	32	calorias por quilo
Trabalho fraco	34	" " "
Trabalho medio	41	" " "
Trabalho pesado	48	" " "

EXEMPLO: Suponhamos que um sapateiro e um lenhador tenham o mesmo peso (60 quilos) e a mesma idade. O sapateiro precisará de 60x41 calorias por quilo de peso, enquanto o lenhador de 60x48 calorias por quilo e por dia, pois, o primeiro vive de um trabalho medio, enquanto o segundo, de um trabalho pesado.

O lenhador, embora do mesmo peso, sexo e idade do sapateiro depende muito mais energia.

Vimos pois, como um só fator é capaz de modificar as necessidades de um organismo.

Alimentar-se bem, racionalmente, não é fartar-se de alimentos. Não é fazer refeições caras em hotéis de luxo, nem comer gulosamente por vicio ou mal educação.

Alguem já disse que os ricos no Brasil, alimentam-se mal por ignorancia e os pobres por falta de recursos. No entanto, não é preciso empregar uma fortuna para obter uma boa alimentação. Faz-se necessário, é obter alimentos de boa qualidade, distribuindo-os inteligenemente nas diversas rações diárias.

A harmonia qualitativa das substancias nutritivas, é de maior valor que a soma calórica. Na *grande guerra*, tivemos ocasião de observar isto. Uma parte do exercito russo, foi privada de gorduras nas suas rações. Muito embora, as mesmas possuíssem um valor calórico ótimo, os soldados começaram a apresentar sintomas de uma molestia que nos chamamos *edema de fome*.

Somente depois de adicionar gorduras em suas rações, é que vimos regridir os sintomas daquela molestia.

Entre as doenças de nutrição, encontramos como efeito de uma alimentação unilateral, mal orientada, *obesidade, magreza, gota, avitaminoses, etc.*

E' ainda a subnutrição, o fator que mais protege as infecções, que dinue a natalidade, e, aumenta a mortalidade infantil.

E' harmonizando a qualidade e a quantidade de alimentos, com as necessidades do organismo, necessidades ditadas pela idade, tipo individual, estado fisiológico, sexo, profissão e clima, que podemos organizar uma alimentação racional.

O ABASTECIMENTO D'AGUA NO RECIFE

Data de 1847, o primeiro serviço de abastecimento dagua canalizada no Recife, tendo ficado a cargo da então Companhia Beberibe, sociedade anônima constituída com capitais pernambucano. Em 1887, foi o mesmo radicalmente transformado e melhorado, de acôrdo com o projeto de autoria do engenheiro inglês Osvaldo Brown.

Em 1912, deu-se a incorporação da Companhia Beberibe, por encampamento do governo, aos serviços da hoje Diretoria do Saneamento, que superintende, todos os serviços de exgotos sanitários e o de abastecimento dagua.

Atendendo exigências sanitárias e o rápido desenvolvimento do Recife foram estes serviços, mais uma vez, completamente remodelados e postos á altura das necessidades urbanas, num plano de 50 anos, pelo engenheiro pernambucano dr. Saturnino Rodrigues de Brito. A inauguração desta última reforma se deu em 1918.

O plano Saturnino foi projetado com largueza de vistas e amplitão necessárias para o serviço de muitas gerações. Consegiu, assim, realizar esse milagre no Brasil da primeira República: continuidade administrativa através de vários governos.

O Estado Novo não se limitou, porém, a tolerar essa continuidade passiva. Pelo decreto n. 15 de 22 de Dezembro de 1937, o Interventor Federal, dr. Agamenon Magalhães, industrializou os serviços de saneamento e agua com o recolhimento autônomo de sua receita, permitindo, assim, a criação dos encaixes necessários ao desenvolvimento da rede de saneamento e de abastecimento dagua em novas economias e pôr em prática a construção de novas sub-usinas de Saneamento.

A agua fornecida ao Recife, é captada do rio Gurjaú, á 30 kms. da cidade; antes, porém, de ser distribuída é tratada pela cal e pelo sulfato de aluminio que têm a propriedade de reduzir a sua turbidez. Por ocasião das grandes enxurradas, quando o rio aumentando seu volume, arrasta impurezas, procede-se á cloração dagua pelo cloro residual, na proporção de 0,2 — parte por milhão. Em seguida, a agua é filtrada, dispondo Gurjaú, para essa operação, de 33 possantes filtros, sendo: 25 do tipo Ransone e 8 do tipo Bollmann. Os primeiros podem produzir um volume dagua de 62m, 3,5 por hora e os restantes de 70m3,0.

A barragem do Gurjaú, cujo

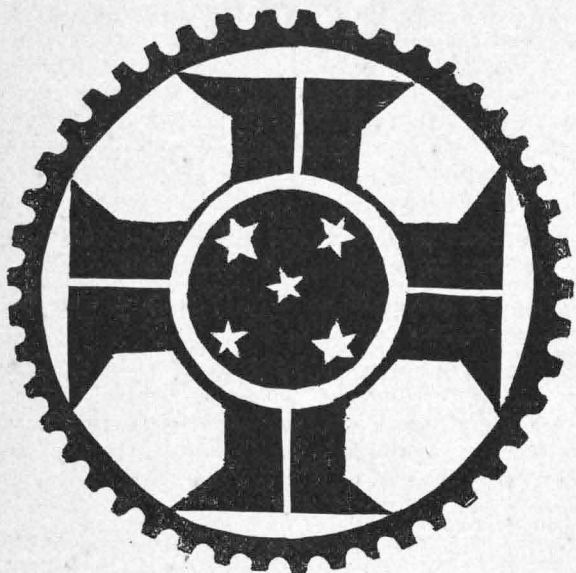
(Continua na pagina 27)

OS CÍCULOS OPERÁRIOS

NOS TEMPOS PRESENTES

Pe. José Tavora

Para "Renovação"



Com um programa de elevar as classes operarias a um nivel superior de vida espiritual, economica, moral e civica, nasceu, sob simpatias promissoras no Rio Grande do Sul, pelas mãos de um verdadeiro apóstolo das classes trabalhadoras, o padre Leopoldo Brentano o movimento dos **Circulos Operarios**.

Hoje, esta organização, moldada, toda ela, nas diretrizes da doutrina social do cristianismo ganhou todas as direções do Brasil. Cento e tres mil são os seus associados, reunidos em noventa e oito **Circulos**. E ao lado de um intenso trabalho de educação, de recuperação espiritual e de união, a cruzada circulista está á frente das justas reivindicações trabalhistas, juntamente com as atividades elevadas de quantos procuram o soerguimento da classe proletaria. Nesta linha de conduta não estamos senão realizando o pensamento da Igreja.

O pensamento da Igreja tão deslumbrantemente demonstrado ao mundo por Leão XIII.

E foi, precisamente, depois da "Rerum Novarum", que o mundo cristão, de uma maneira especial, nos tempos presentes, se tomou de entusiasmo pela causa da organização dos trabalhadores para que estes, assim organizados, podessem, mais eficientemente, defender os seus legítimos direitos e compreender os seus deveres. (Deveres e direitos porque nós não obscurecemos nenhuma destas realidades correlatas, para que uma faça esquerida a outra). Ao grande Pontífice de gloriosa memoria, Pio XI, nós vamos pedir estas lições na sua "Quadragesimo Anno". Porque foi ele quem proclamou ao mundo que é "à enciclica de Leão XIII (Rerum Novarum) que se deve atribuir o florescer destas associações de trabalhadores, em toda parte, de

tal modo que, embora, infelizmente, em numero, inferiores ás corporações universais dos comunistas e socialistas, reúnem imensa multidão de operarios e podem vigorosamente reivindicar os direitos e as aspirações legítimas dos trabalhadores cristãos, tanto no interior das nações, como em mais vastas assembleas. E, desta forma, promovem os salutaes principios da religião a respeito da sociedade".

Com os olhos pregados a ensinamentos e diretrizes seguras, os **Circulos Operarios** vão persistindo na sua marcha gloriosa de fazer "um Brasil operario cristão". Um ideal novo se inocula no espirito das massas trabalhadoras. E ao lado de outras organizações bem orientadas, das organizações sindicais bem dirigidas, nós trabalhamos, na melhor harmonia, visando tão somente o bem total do operariado brasileiro. E', na verdade, por isto, que um movimento cristão do operariado, como o nosso no Brasil, jamais tomou vulto tão grandioso, em poucos anos.

Dando educação, promovendo esportes, orientando as consciencias operarias para os grandes ideais do cristianismo que se está positivando nas atitudes coletivas do operariado, fundando escolas, tratando dos interesses materiais, sem esquecer a face religiosa dos problemas sociais das classes trabalhistas, fomentando a harmonia do Capital e do Trabalho, — depositando sua confiança em Deus e visando o bem da Patria — os **Circulos Operarios** estão realizando em terras brasileiras, uma obra de tais proporções que merece o apoio mais decidido de quantos se interessam pelo futuro do Brasil. Apoio que não lhes tem faltado por parte de espiritos cheios de nobreza e que, por isso mesmo, recebem toda a nossa simpatia.

CADASTRO E NOMENCLATURA DAS RUAS DO RECIFE

SOUZA BARROS

Especial para "Renovação"

HERMETO Lima considera que "a história das ruas do Rio de Janeiro é, sem dúvida, toda a sua história no que ela tem de mais fiel e representativo".

A história, nêsse particular, não suporta um restritivo quanto a esta ou aquela cidade.

Aqui, como em toda parte, um retrospecto sôbre a história das ruas refletirá o encadeiamento típico da vida do povo que a habita, dos seus hábitos, suas características, preferências:...

A Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo da Prefeitura do Recife vem, desde os primeiros dias da sua instalação, dedicando especial cuidado ao levantamento do cadastro e nomenclatura das ruas da nossa capital. Já está levantado o cadastro de todas as ruas do bairro do Recife.

Um fichário "Kardex" apresentará as ruas da cidade, colhendo sôbre as mesmas, os seguintes elementos:

Nomes — Atual e antigos.

Classificação — Avenida, rua, travessa, beco, praça e parque.

Situação — Zonas — Urbana, suburbana, rural e distrital. Começo e termino.

Natureza — Residencial, comercial, industrial, residencial-comercial e residencial-industrial.

Construção — Totalmente construída, semi-construída, projetada.

Iluminação pública e particular — Dados sôbre a iluminação existente.

Saneamento — Dados sobre a rede de exgoto e a rede distribuidora d'agua.

Pavimentação — Si é retificada, calçada e o tipo do calçamento.

Rede telefonica — Si possui e o número de aparelhos instalados.

Arborização — Especies.

Vias de comunicação — Linhas de bondes, onibus, etc.

Historico da rua — Historico do patrono.

Atos e decretos — Sobre o nome ou reconhecimento como logradouro público.

O levantamento de todos esses dados sôbre cada uma das ruas do Recife não é cousa fácil. Si os dados que podem ser colhidos no local ou em fontes automaticas, junto às repartições do Saneamento e Diretoria de Serviços Públicos Contratados, requerem, mesmo assim, paciente e metucioso cuidado, muito maior ainda exi-

gem os retrospectivos sôbre a história desses logradouros, os seus aspectos em idades recuadas.

Ruas e praças há, entre nós, que mudaram de nome inumeras vezes.

Tomemos um exemplo: A atual praça da República era, em 1663, a praça Grande; — depois com a construção do edificio do Erário — praça do Erário — Com a mudança dos governadores do antigo palácio das Torres para o edificio do Colégio dos Jesuítas — **Palacio Velho**.

Em 1817 teve a denominação de **Campo da Honra**.

Tambem teve o nome de praça ou campo do Palácio, depois de 1840, com a construção do palácio dos Governadores, pelo Conde da Boa Vista. Chamou-se ainda, em 1859, largo do Paço, denominação que não pegou e daí, por diante, de campo das Princezas, até que em 1889 tomou o nome definitivo de Praça da Republica.

O levantamento de cadastro e nomenclatura das ruas aparelhará a DEPT a publicar um guia da capital, completo e moderno, do mesmo modo que o levantamento dos dados históricos, das velhas ruas da cidade, reunirá um acervo de fatos e documentos de maior interesse para a história do Recife.

Para esse trabalho a cooperação do recifense é, não só importante, como imprescindível. A oferta de fotografias, albuns, recortes de jornais, informes de toda a natureza, representará um auxílio inestimavel ao trabalho agora empreendido pela DEPT.

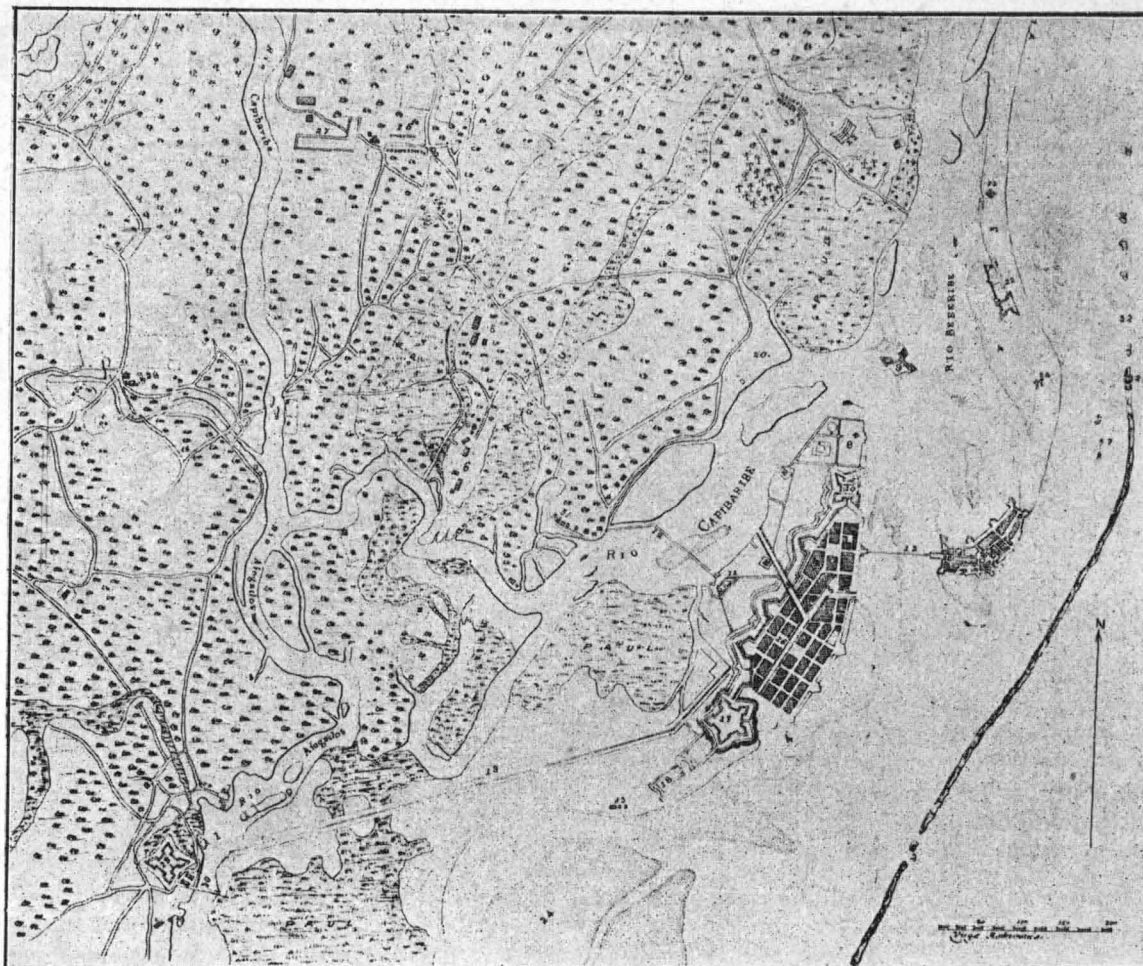
Muitas familias do Recife têm nomes de parentes ligados ao das ruas da Capital; a remessa de fotografias d'estes patrônos e de biografias completas e perfeitas, seria de alcance inestimavel.

A futura publicação de um Arquivo da Prefeitura reunirá todos esses elementos e os fichários que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística acaba de enviar à Diretoria se encherão desse material decumentário, dessas fotografias, plantas, albuns, guias, documentos, hoje esparsos, ou em mãos de particulares, mais pelo gosto de "raridade" do que, às vezes, pela compreensão do seu significado.

A divulgação de plantas e fotografias sôbre a cidade que expliquem o seu desenvolvimento é uma das formas de propaganda a adotar para o estudo da formação da "urbs". Além do interesse que as mesmas devem despertar, como curiosidade, seriam temas dos mais ricos para o estudo nas escolas.

A fotografia inserida com este trabalho tem o maior interesse nêste sentido. O original da planta fotografada pertence à coleção do Instituto Arqueológico.

“PLANTA DA CI-
DADE DO RECIFE
E SEUS SUBUR-
BIOS EM 1645 —
DELINEADA PELO
MAQUINISTA E
AGRIMENSOR PRÁ-
TICO JOSÉ SOARES
PINTO CORREIA,
SEGUNDO A DES-
CREVEU E ESTAM-
POU BARLEUS EM
SUA HISTÓRIA.



Ao Ilmo. Sr. Engenheiro
Victor Fournié, oferece
José Soares Pinto Correia.

EXPLICAÇÕES DA PLANTA

- 1 — Braço do Rio Capibaribe
- 2 — Barra pequena e só própria para lanchas, denominada Barreta.
- 3 — Istmo de Olinda
- 4 — Bancos de areia, que se descobriam com maré seca.
- 5 — VALLAS, ou canais. Santo Antonio era cortado por um canal, que atravessando a povoação, corria por onde esta hoje a rua das Águas Verdes, e cortava a praça dos Coqueiros, como se vê, na planta. Este canal comunicava com outro, que, cercava a povoação pelo lado que olha para a Boa Vista, enchia as casas da Fortaleza das Cinco Pontas, e de outra que havia, onde os religiosos Franciscanos em outro tempo tiveram o seu grande Cruzeiro.
- 6 — Pequenas povoações cobertas, digo, com casas cobertas com telhas.
- 7 — Pôrto onde os navios ancoravam.
- 8 — Palácio edificado pelo Conde de Nassau, hoje Palacio da Presidência, construído e aumentado pelo pernambucano, o exmo. barão de Boa-Vista.
- 9 — Pequeno forte colocado em uma ilha no meio do rio Beberibe, ao qual os portugueses chamaram SEQUA, e os holandeses Wandenburchy.

- 10 — Forte colocado onde esteve em outro tempo o Cruzeiro de São Francisco, ao qual denominaram os holandeses — FORTE ESNESTI.
- 11 — Casa Forte, levantada pelo Conde de Nassau no lugar que ainda hoje é conhecida por Carmo Velho, a qual o dito Conde denominou Boa Vista, nome que depois coube à margem oposta do Rio Capibaribe, que é hoje a freguezia da Boa-Vista.
- 12 — Ponte da Boa-Vista. Não era toda reta, formava pelo contrário o angulo, que na planta se vê.
- 13 — Ponte do Recife, atualmente 7 de Setembro.
- 14 — Pequena praça na frente do Corpo Santo no Recife.
- 15 — Quartéis de tropa, levantados pelos Holandeses.
- 16 — Praça dos Coqueiros, assim chamada por ser guarnecida destas árvores; era esta praça cortada pelo canal que banhava S. Antonio como se vê na planta.
- 17 — Fortaleza das Cinco Pontas, chamada pelos holandeses — Forte Mauricio.
- 18 — Fortificação cercada por um canal, e cuja artilharia dominava o aterro dos Afogados.
- 19 — Aterro dos Afogados. Era guarnecido pelo lado de terra por um canal, que começava perto da ponte da Boa-Vista, e terminava junto a ponte dos Afogados, onde o mesmo aterro formava o angulo, que na planta se vê.
- 20 — S. Amaro, lugar ao qual os Holandeses chamaram Vila; é hoje a nossa cidade nova ou freguezia da Boa-Vista.

(Continua na pagina 25)



O homem que não pôde fugir de Babilônia.

ALFREDO PESSÔA DE LIMA

(Para "Renovação")

Conheci-o na sua intimidade. Era moço ainda ao tempo em que nos tornamos amigos. E hoje, cronologicamente ainda é um moço. Espiritualmente, porém, é um velho. Fatigado e triste. Não dessas tristezas resignadas e solitárias que trancam os homens em si mesmo sem deixar de mostra-los aos transeuntes. (Tal qual as grades de uma cadeia de interior.) Mas de uma tristeza agressiva, intolerante que o traz sempre em desacôrdo com os outros. Intempestivo, a ira agita-o num minuto para imediatamente ceder aos impulsos de uma grande afetividade. Desajustou-se. Parece alguém que perdesse o seu próprio endereço. Contraditório e contraditor, é um contraste que a si mesmo fére, quando num momento de introspecção vislumbra o desnivelamento do seu ser fragmentario, na apreensão embora instantanea, do dever ser.

Um dia contou-me a sua história.

Quando nascêra o mundo saía, esfarrapado e faminto, de uma tremenda aventura de rapineiros. O Espírito rebaixava-se e pelo mesmo elevador que o trazia de volta aos pisos inferiores da moradia do homem, su-

bia a pedra, fria, rigida e brutal.

Contemplara com os olhos amedrontados de menino a visão desoladora do seculo XX que, iniciando a sua marcha, novo e inóncievel Zaratustra, carregava dois cadáveres às costas: um nobre guilhotinado em nome da liberdade e um operario faminto que o judeu de Trêves lançára á conquista do mundo.

O próprio leite que sugara ao seio materno trazia o sêlo da angustia. E a sua retina, guardara como cêra virgem e inconcientemente a visão estampada naquele olhar de mãe que, morfinezada de tristeza atravessava mares e continentes para abraçar outras mães a quem o canhão esfacelava os seios e os filhos pequeninos.

Quando crescêra e começara a julgar as coisas por si mesmo, ninguém pôde dar-lhe a armadura poderosa da fé que nega a evidencia material para ir em busca de uma verdade supra-real e supra-atual. Os signos do Zodíaco tinham se acrecido de mais um simbolo. E o décimo terceiro era uma serpente mordendo a propria cauda, com que o Filósofo marcara a dúvida. Ele nascêra sob esse signo e entendia que se pudesse ser claro numa época de confusão, seria então

a exceção, o absurdo incompreendido e injustificado. Só pôde achar na História uma tremenda acumulação de inverdades e de injustiças. A arte que êle alcançara era uma caricatura grotêsca da vida. Os homens cansaram-se de ter sempre as mesmas formas e pintavam-se e esculpíam-se agora em retangulos, membros desproporcionados como troncos avoengos, mãos enormes como realizações deformadas. A música era um toque de reunir para os instintos da tribu e até o proprio homem estava sendo feito em series sob o modelo de estilistas loucos. O Direito era um nobre arruinado de quem só restava a tradição dos antigos faustos. A fé, era uma atitude de montra, uma exposição habilmente arranjada que não condizia com o stock inferior das lojas do homem. Olhando as épocas mortas vira a constancia fatalissima daquela angustia. Em Babel, nas tôrres góticas, nos arranha-céus... Por isso, fechara agora os ouvidos á voz dos Profétas e nem pudera ouvir o grito que fôra dado aos ouvidos de Babilônia — "Sái dê-la povo meu"!

Renunciára ao pensamento e ao equilibrio. Andava ao acaso compondo com as suas indecisões um pequeno

capitulo a mais no romance á Rocambole das angustias humanas.

Quis ter razões para demonstrá-lo errado mas o amargor do seu riso era uma barreira intransponível. Ontem encontramos de novo. Eu empilhara uma a uma, series de razões para convencê-lo, a ver se conseguiria unificar as provincias dispersas daquele sentimento, construir um tempo com os instantes daquela razão. Havia decerto uma Suprema Razão, uma Lei Suma para os desencontros aparentes. Disse-lhe que tudo cabia na marcha dos mundos. Lemos juntos os placards escandalosos dos jornais, anunciando invasões e sangueiras. Soltou uma praga. Sorriu com um esgar de chôrro e confessou a impossibilidade de fugir do cerco da loucura do mundo. Não ha para onde ir, disse-me êle. A cidade do homem é tentacular como um pôlvo e sinistra como o próprio homem embriagado de força.

As estradas da terra fervilhavam de gente. No mar havia espuma de sangue correndo as ondas. No céu, voavam em nuvens os gafanhotos do Apocalipse. E o homem não teve tempo de fugir de Babilônia...

Seleção Profissional



Á se tornou costume falar mal do nosso operário. O menos que se diz é chamalo preguiçoso. O mais que se procura fazer é lamentar a nossa legislação trabalhista, que o ampara. Alguem deve estar errado. Pergunto: o nosso material humano é máo? Si alguem

afirmar que sim, perguntarei então quem é responsável pela má qualidade. Não me ousarão responder deante o terreno delicado que se espelha. Mas poderei eu proprio falar a mim mesmo: o culpado seria o próprio operário: não é eficiente, portanto não ganha o que poderia ganhar. E o resultado é má nutrição, queda de nível de vida, enfermidade — máo material humano.

Mas si o operário é bom trabalhador apesar de tudo isso, porque então não produz? O operário produz, produziria excedendo previsões si estivesse em condições ótimas de trabalho. Condições ótimas de trabalho significa ajustamento do homem com o seu officio, e do ambiente de trabalho com o operário.

Que criterio de escolha emprega a fábrica deante o homem que procura emprego? Escolhe o operário a olho! Necessitava-se, portanto, na melhor das hipóteses, de qualidades advinhatorias especiais. Operário escolhido a olho, cada um, representa uma experiencia que se vai fazer. Si, por acaso, calhou escolher-se o apó para o officio, lá se vai dizer: é uma excepção! E' um bom operário. Mas é assim: em cem lá se encontra um! E continuam todos a se lastimar... que máos operários!

Prof. Gonçalves Fernandes

.....

Todo o mundo proclama que foram as tropas enviadas pelos EE. UU. que venceram a Grande Guerra. Os técnicos militares afirmaram que o exército de Tio San foi o mais perfeito que já pisou o solo da velha Europa. Agora a revelação: quem seleccionou tão perfeito exército?

Quem seleccionou tão perfeito exército — pasmem — foi um grupo de psicólogos. E vou lhes explicar: não tinham os EE. UU. officiais e inferiores bastante para as posições de mando deante tão grande número de alistados. E a grande nação procurou resolver o problema: como seleccionar os que tinham qualidades, aptidões, para os variados misteres dentro dum grande exército em formação? Um grande exército de recrutas hisonhos sem nenhuma instrução militar? Lembraram-se então de consultar os sábios do país. E os sábios responderam: dêm o problema para que os psicólogos procurem solver! E, pela primeira vez na história do Universo, psicologistas organisaram uma potência militar.

Esta história veridica tem uma moral. É que me vão objectar: que é que um psicólogo entende de máquinas? Responderei: o psicólogo entende de homens. E homens que vão lidar com as máquinas, e, portanto necessitam ser seleccionados para elas. O psicotécnico dá á maquina o homem que ela necessita para funcionar com rendimento. Dá o elo entre o cérebro e o motor. Liga-os, seleccionando os aptos para as núpcias com o trabalho ideal.

“ ANCHIETA E A MEDICINA ”

Lopes Rodrigues é como o monstro da fabula: varias cabeças velam pelo seu corpo e.. pensam por si em cada tentáculo. Médico, professor, orador público, fala magia, publicista, historiador, que sêr mais?, cada manifestação da sua actividade mental polimorfa é um brado vivo de varias inteligências associadas.

Estudante, guiado pela mão sábia de Juliano Moreira, pediram certa vez ao doutorando de então que

escrevesse um artigo e... êle compoz uma tése tão pessoal quanto surpreendente para outro que fosse.

Médico, atingiu o ponto culminante da sua carreira como quem displicentemente modifica o programa do seu fim de semana. Depois de fixar seu nome no Rio em concurso memoravel de docência, sua atracção temporária á capital de Minas Gerais o fez concorrer á cathedra da notavel Universidade que ali vive. E eis que Lopes Rodrigues traça, de improviso quasi, mais um daquêles prêlios que, si fôra na cidade do Salvador, atrairia para a luz da faculdade toda uma população densa e ávida do brilho que se extravasa.

(Continua na pagina 31)

O HOMEM NOVO DA AMERICA

Augusto Duque

De uma certa época para os nossos dias, principalmente, depois que a Grande Guerra abalou toda a estrutura da sociedade, como efeito e como causa, todos os espíritos inquiridores do destino do homem sobre a terra têm se voltado para o nosso continente.

A terra ibero-americana, podemos dizer, é a namorada do mundo. Seu homem, seus complexos, seus antecedentes fazem advinhar uma robusta perspectiva.

Agora, que o mundo, ainda, está sofrendo as consequências da terrível inversão da hierarquia dos valores, operada quando a rebeldia moderna estourou o equilíbrio medieval, nós vemos todos os farejadôres da história, todos os profetas, todos os arautos de novos acontecimentos, anunciarem a eclosão de um novo período histórico. Eclosão, sim, porque é algo no modo de uma violenta eclosão, que se espera.

O pensamento crepuscular de Spengler proclamou a caduça da civilização ocidental, como forma degenerada de cultura.

E o espírito voltado para a eterna luz da eterna esperança, não pôde resignar-se ao fim do dia dos tempos modernos. E anunciou outra alvorada, sentindo no rumor da madrugada indecisa o borboirah luminoso do novo dia amanhecendo. Porque "toda época suspira por um mundo melhor. Quanto más profunda es la desesperacion causada por el caótico presente, tanto más íntimo es este suspirar", como quer o pensamento suave de J. Huizinga.

A América Nova, o continente dos novos horizontes, é, sem dúvida, o objeto daquele "suspirar".

Daí, a espécie de messianismo que aguarda a nova idade de ouro do mundo.

Keyserling, com o seu pensamento essencialmente cosmológico, disse que necessitou criar novos órgãos para poder compreender o sentido extremamente revolucionário do continente que é a "levadura de la Creacion", o fermento divino. O sábio de

Damstraat no bailar descontrado dos complexos telúricos anuncia o novo homem, o que vai romper com as normas, esbandalhar todos os padrões de homem e inaugurar o tipo novo, intimamente ligado ao dinamismo subterrâneo.

E' o novo homem latino americano, afin do limo continental, o herói, o personagem da imediata idade da história.

Aos valores eternos do homem veio acrescentar uma porção de cousas, veio insinuar a explosão de novos caracteres.

E' o homem diferente que aconselha qualquer definição revolucionaria, que, apesar, de não conceituado, todos o sabem diferente. E' o fruto de novas causas segundas, inéditas. E' o sugestivo. O antirotineiro. O cheio de noções barbaras. De primeira mão.

Luc Durtain o vê o homem "que vai alargar as temporas de Minerva e que revelará no futuro uma geometria nova do espirito".

Todos que aqui chegam sentem a incoercibilidade de novas expressões, pensamentos audazes, para definirem o seu espanto e a sua alegria pelo sentido inaugural da vida do continente. E' a grande terra divinatória. E' o grande destino missionario.

Maximo Bontempelli, jornalista italiano, resumindo o absurdo das cousas continentais declarou a uma revista argentina que "yo no me maravillaria si un matematico escribiese un tratado para demostrar que la Pampa es la cuarta dimension". E' assim, nada é absurdo para definir o absurdo americano.

A pesar de todos esses instantes complexos e caracteres o homem novo tem um sentido poderoso de harmonia, porque é a síntese humana, a integração de muitos valores os mais diversos. Recebendo a insinuação fantástica da terra, da experiencia dos povos que sucumbiram, dos pequenos fatos humildes e misteriosos, indizíveis e incompreendidos, a América Latina, vai realizar a festa da história, o recreio da humanidade.

(Continua na página 30)



Guillaume Apollinaire, por Picasso (1903)

OS MESTRES DA PINTURA MODERNA PICASSO

Pablo PICASSO, o grande mestre do cubismo, nasceu em Malaga, a 23 de outubro de 1881. Picasso é o nome de sua mãe, seu pai, que era professor de desenho chamava-se Ruiz.

Picasso frequentou uma academia de Barcelona, onde fundou uma revista artística.

Sua primeira viagem a Paris data de 1900. Voltou definitivamente em 1903 e, desde aquele instante, começou a prodigiosa carreira que sabemos, aureolada, no início, da influencia dos mestres espanhóis e em seguida a de Toulouse-Lautrec. Vindo depois o "período azul" (acróbatas, arlequins, míseros), e posteriormente o "período róseo" mais feliz.

Cêrca de 1907, sua arte começou a encaminhar-se sob várias influencias: Cezanne, os Negros, etc., — para o "Cubismo" e sua fabulosa aventura creadora.

São muito conhecidas as mil ações e reações do temperamento Picassista, realistas, suprarrealistas, cubistas decorativistas.

Elas formam as manifestações de uma virtuosidade genial.

A bibliografia picassista é muito abundante.



Picasso.

Arlequins (Guache)

Picasso também ilustrou muitos livros de poetas como Apollinaire, Max Jacob, Cocteau, Sa'mon, seus amigos da primeira hora.

Compoz diversos cenários para os **Bailados Russos** de Diaghilew, para **Parade**, de Erik Satie e Cocteau, etc.
GEO CHARLES

TEATRO



TEATRO em geral depois da descoberta do cinema se acha em crise de renovação.

O teatro dito vanguardista procurou logo acompanhar o ritmo vertiginoso da maquina lançando-se numa aventura equivocada.

A introdução do construtivismo cénico e os aperfeiçoamentos do maquinismo teatral permitiram aos dramaturgos modernos fazer concorrência á tecnica cinematográfica, sem todavia obter as vantagens dos primeiros planos ampliados.

Da influencia da arte do filme se ressentem várias peças do teatro moderno, e directamente a peça: o **Filme lento** de Herman Heirlinck. O Teatro moderno Alemão, particularmente, com os seus grandes recursos cénicos, procurou lutar em velocidade com a aceleração da camara de projecção.

Alguns criticos teatrais ante as realizações feéricas do novo teatro expressionista espetacular alemão, lamentaram, Ibsen ter vindo tão cedo num mundo tão falho de recursos mecânicos, como si **Peer Gynt** viesse a luz em 1930, fosse mais feliz como expressão teatral.

O Teatro invadiu o cenário do Cinema e por sua vez o Cinema penetrou no setor do Teatro, sem que um e outro tivessem maior proveito dessas violações de atribuição.

No Teatro, o intellecto do observador é quem faz as tomadas de ângulos, os **long e curt shorts**. O Teatro estabelece uma vida intima entre o espectador e a cena e libertando o subconciente cria para cada um uma verdade. O Cinema, ao contrário, substituindo-se ao observador, projeta-se, invade e limita as duas dimensões do retângulo, e restringe toda a platéa a uma verdade, como um sedativo hipnótico da imaginação.

Todavia, grandes dramaturgos como Bernard Shaw, Pirandello, Tchecov, Apollinaire e Cocteau tiveram o mérito de não se afastar da função do teatro sem desprezar os recursos cénicos, pelo paradoxo, pelas comedias e tragedias magnificamente teatrais, pelos dramas psicologicos com introspecção subtil e angustiosa, renovaram o teatro moderno á altura do bom teatro Shakespeariano.

Como o Teatro invadiu o setor do Cinema e vice-versa, a Musica quis ser plastica, a Escultura quis ser pictórica, alguns tentos foram marcados e muita experiencia adquirida, porem, para que tudo volte aos seus eixos, será preciso que o Eterno creador de todas as coisas, diga novamente:

“que as aguas que estão debaixo do céu se ajuntem em um só lugar e que o seco apareça”, que o Teatro se separe do Cinema, que o Circo seja Circo e se separe do Music-Hall —que cada um na sua função seja Teatro, Cinema, Circo e Music-Hall, intimamente ligados, porem definidos e realizando cada um as variedades da expressão ardente da verdadeira Poesia.

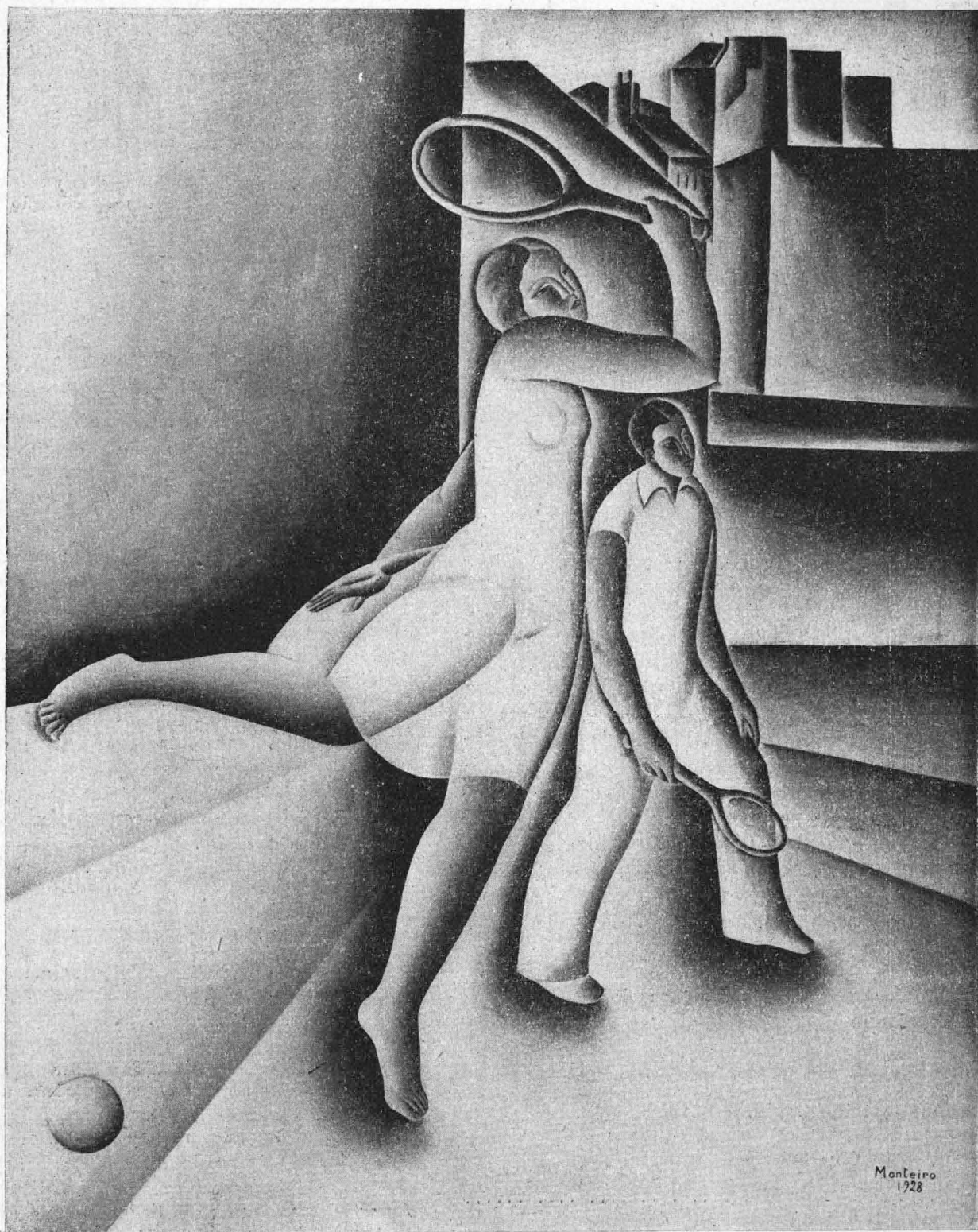
VICENTE DO REGO MONTEIRO

NOSSA CAPA

A REPRODUÇÃO que ilustra a nossa capa, é de autoria de Lippo Vanni, um dos primitivos italianos, discipulo de Lippo Memmi, representa S. Ansanus, e faz parte da coleção do sr. P. L. de New-York

O nome de Lippo Vanni foi encontrado na lista da Corporação dos Pintores de Siena. Tornou-se muito conhecido pelas suas miniaturas e pinturas, entre as mais célebres citamos o tríptico pintado em 1358 para o Convento de São Domenico, em Roma.

A maior parte de suas obras não chegou aos nossos dias. Lippo Vanni viveu cerca de 1320 a 1375.



Pertence à Coleção I. L. de Londres.

TENIS

Pintura de MONTEIRO (V. do Rego)

O esporte pela sua plastica foi a fonte da inspiração dos poetas e artistas da antiguidade. Na idade moderna, alguns artistas como Monteiro, volveram, em bôa hora, a essa fonte sadia de ritmo e de vida que é o esporte.

O BRASIL NA MODERNA POESIA DE FRANÇA

Por Vicente do Rego Monteiro



ISSE Guillaume Apollinaire
re que:

“A poesia e a criação
fazem uma só. Devemos
chamar poeta àquele que
inventa e cria na medida
do possível da criação hu-
mana.

O poeta é aquele que des-
cobre novas alegrias, mes-
mo dolorosas de suportar.

Podemos ser poetas em todos os domínios: o bas-
tante é ser aventureiro, ir à descoberta e muito além”.

Duas expressões bem civilizadas, finamente matiza-
das de atmosfera e estilo, dois aventureiros da desco-
berta poética são Geo Charles e Blaise Cendrars, os
quais, globe trotters, de passagem pelo Brasil, levaram
suas saudades líricas.

Um desportivo, entusiasta, apaixonado e o outro ga-
vroche, zombeteiro, imaginativo, descreveram suas
paisagens através o clima de sol da exaltação brasi-
leira.

Os poemas que traduzimos abaixo, são extraídos,
os de Geo Charles de seu livro *Brésil*, e os de Blaise
Cendrars de *Feuilles de route*.

PARTIDA

O canto dos galos o canto dos papagaios
me acordaram

Na noite palida um canto de negros
se levanta
uma melopéa importada de Islam
em seguida o triste clarim das casernas
modernas toca a alvorada.

Eu sonho com a minha partida
nos gritos brancos das gaivotas
na travessia longa
no canto dos emigrantes.

Porque não trouxe eu bem apertado
contra o meu coração
uma jovem brasileira linda como um ara
que me faria companhia na minha gaiola eterna.

Na Europa meu peito ser-lhe-ia a sua gaiola amante
meu peito... onde morre o meu coração
por ter combatido
por nobres causas.

Ela bateria as azas
e estaria no meu coração
Ouvir-se-ia com espanto maravilhoso
cantos felizes sair do meu peito
cantos líricos cantos novos
cantos alegres como nos tempos desportivos

Eu mesmo ouviria enlevado
esses acentos bemaventurados
Seria a minha voz
seria a sua voz
que substituiria a minha voz usada
e as cordas quebradas de meu violão.

Ah
trarei ainda
como em minha adolescência
uma donzela
uma voz moça renascente
uma visão de esperança
um passaro no meu coração?

NOITE BRASILEIRA

A palmeira abre a sua mão. Sua palma na noite
enche-se de uma avalanche de flores estreladas

As doces negras de formas de ânfora
aos olhos de corcel aos olhos de cadela
e suas brancas irmãs do jasmim
passam perfumadas na noite brasileira

As estrelas nascem mais lindas do que as flores:
a clematite azul queima nos galhos astrais
o jasmim e o lírio fazem uma última nuvem
e o céu aromático se esflorece na noite
e une-se sobre a terra ás mulheres perfumadas.

GEO CHARLES
(Brésil, 1930).

PÔR DE SOL

Estamos em vista das costas
 O pôr do sol foi extraordinario
 No relúzente da noite
 Enormes nuvens perpendiculares de altura louca
 Quimeras, grifos e uma grande vitória alada ficaram
 toda a noite a cima do horizonte.
 Pela manhã todo o rebanho se achava reunido amarelo
 roseo em cima da Baía em xadrez.

.....BAÍA

Laguna igrejas palmeiras casas cúbicas
 Grandes barcaças de duas velas retangulares emborca-
 [das
 que parecem pernas imensas de calças que o
 [vento enche

Barquinhas de azas de tubarão que saltam entre dois
 [vagalhões

Grandes nuvens perpendiculares inchadas coloridas
 [como vasos
 Amarelos e azuis

HIC HAEC HOC

Comprei treis saguins que batisei Hic Haec Hoc
 Doze beija-flores
 Mil charutos
 E uma mão de baiana grande como um pé
 E com essa a lembrança da melhor risada

PERNAMBUCO

Victor Hugo o chama de Fernandbouc das Montanhas
 [Azuis
 Em um velho autor leio Ferdinandburgo das mil Igrejas
 Em indigena esse nome significa Boca Rachada
 Eis o que vemos hoje quando se entra ao largo e que
 se faz uma escala de uma hora e meia

Bancos de areia
 Um molhe de cimento armado um pequeno guindaste
 Um segundo molhe de cimento armado e um enorme
 [guindaste
 Um terceiro molhe de cimento armado sobre o qual
 [se edificam hangares em cimento armado
 Alguns cargueiros contra o cais
 Uma longa fila de barracas numeradas
 E por detraz algumas cúpulas dois ou treis campana-
 [rios e um observatorio astronomico.

Existe tambem os tanques da AMERICAN PETROLEUM
 [& C.º e da CALORIC
 Sol calor e folha de zinco.

BLAISE CENDRAS
 (Feuilles de route 1924)

A OBRA DUM CIENTISTA BRASILEIRO REPERCUTE NOS
MEIOS CIENFICOS DE BERLIM

Despertaram grande interesse nos meios culturais ber-
 linenses dedicados aos estudos ibero-americanos os traba-
 lhos publicados na Biblioteca de Divulgação Cientifica da
 Civilização Brasileira Editora pelo nosso colaborador o pro-
 fessor Gonçalves Fernandes, da Escola de Medicina e Cirur-
 gia do Rio. O professor O. Quelle, diretor do Instituto Ibe-
 ro-Americano, de Berlim, instituição de renome mundial,
 escreveu ao autor de XANGÓS DO NORDESTE e FOL-
 CLORE MAGICO DO NORDESTE solicitando o envio dos seus
 livros para a biblioteca daquele departamento, e declarando
 que sobre a obra referida seria publicada uma apreciação no
 "Ibero-Amerikanisches Archiv", e resenha na parte biblio-
 grafica.

Depois cantarás

Cleodon FONSECA

Dorme agora
 enquanto as manhãs desabrocham em sangue.
 Dorme agora
 enquanto os sinos continuam calados
 escutando os gemidos que substituíram as músicas...
 Dorme agora, criança!
 Enquanto a alegria está ausente
 (ninguem sabe em que paragens anda viajando)
 e a tristeza caminha pela vida do mundo.
 Enquanto ha braços em ângulo na paisagem
 e fuzis em ombros apontando a paz das nuvens.
 Enquanto a sombra de pássaros mecânicos
 viaja, trêmula, sôbre as distâncias do mar
 e afugenta as mulheres alegres
 que não darão mais adeus aos marinheiros,
 agitando as mãos na ponta dos rochedos...
 Dorme agora.
 Fecha os olhos para a vida,
 abrindo-os para os teus sonhos
 e continua vagando inocente pelos sonhos...

Depois cantarás.
 Cantarás quando voltarem as claras madrugada.
 Quando voltar o silêncio esperado, cantarás.
 E quando voltar o silêncio, eu mesmo te chamarei
 para o canto solene diante das musas litúrgicas.
 E cantarás, mal egressa do sonho,
 para o meu sonho diante da beleza voltando.
 Cantarás quando a tristeza abandonar
 os últimos caminhos do coração.
 E quando a alegria chegar
 e as mãos agitarem lenços na paisagem,
 todos molhados de lágrimas de alegria,
 tu acordarás para cantar!
 Elevarás tua voz para a voz dos sinos clamando.
 Elevarás tua voz para a grande paz das nuvens
 que viajam soltas e serenas pelos céus.
 Elevarás teu canto para o canto dos pássaros
 que agitam pela amplidão as asas ansiosas.

Depois cantarás.

Mas agora, dorme, criança.
 Continúa a viajar pelo teu sonho,
 até que o silêncio venha surpreender o mundo...
 Então, eu te chamarei e acordarás para cantar.

DA NOSSA RESPONSABILIDADE

ANTONIO TOSCANO

Todo ato em si não é mais que a realização de uma idéia. Deste modo, a existência de um fato pressupõe um pensamento. Mas, existem pessoas que não refletem e no entanto agem... São os indivíduos irresponsáveis, perigosos tanto para si, como para a sociedade.

Se é o raciocínio, a inteligência que dá ao homem um sentido nobre e superior de vida, uma posição de privilégio entre as outras criaturas, claro está que nenhum de nós deve fugir do caminho da perfeição para o qual tendemos pela natureza de nossa alma espiritual, mas do qual nos afastamos pelo instinto animal, próprio de todo ser.

Quem ignora que somos um composto de alma e espírito? Pois bem, essa dualidade de princípios é que embaraça os indivíduos e trás serios obstáculos à vida social.

Isso por um simples motivo. O homem sente-se equilibrado em seus atos quando a sua razão foge a todo unilateralismo possível entre o princípio da vida espiritual e material. Fomos criados para um fim. Já São Tomaz considerava a meditação do fino do homem, meditação fundamental. Ora, se o Eterno nos deu uma alma imortal e um corpo, reservou-nos, também, uma ação conjunta na luta pela vida.

Diziamos que o dualismo de matéria e espírito "embaraça" os indivíduos. Efetivamente, se o homem não procurar agir imparcial e inteligentemente em relação a sua dupla natureza, cairá fatalmente no mare-magno da confusão e

dos sofismas. Tendo o infinito diante de si e vivendo no finito, o homem fica como que *compreendido entre dois mundos*. Um onde positivamente está a verdade e onde encontramos uma explicação plausível a respeito de nossa existência e de nosso fim. O outro que é efemero e incapaz de satisfazer aos nossos desejos.

Será de balde que procuramos uma felicidade eterna no temporal, a satisfação de um desejo infinito, no finito.

Equilíbrio de vida quer dizer unidade de zêlo, tanto para com o corpo como para a alma. Se procuramos com segurança encarar o lado econômico da vida, prevenindo-nos contra qualquer situação instável, igualmente faz-se mister olharmos com mais carinho os deveres que temos para com a nossa alma. E' ela que dirige a nossa vida e guia a nossa vontade entre as paixões e os interesses humanos.

E' certo que sem vida interior, sem se viver espiritualmente, não é possível uma existência organizada e proveitosa. Para comprovação desta verdade, basta-nos meditar naquela conhecida advertência do divino Mestre: De que serve lucrar o homem tôdas as riquezas da terra, se vier a perder a sua alma?

A lógica nos ensina que o poder de refletir é próprio da pessoa humana. E' um requisito seu. O animal não possui este atributo. Não tem a noção do "eu". Não pensa nem age senão por influencia de uma cousa exterior. Uma outra prerrogativa inerente ao homem é a de sentir-se verdadeira e propriamente "causa". Todo ser é dotado de certa causalidade, de certa atividade.

Enquanto a *coisa* em si não é *causa*, nem seus atos são "seus", e sim resultado dos impulsos recebidos, a pessoa é verdadeiramente dona de si própria e de seus atos (Lahr).

Sendo a pessoa um ser moral, assistem-lhe deveres e responsabilidades de modo que nunca ela poderá atingir cegamente ao fim para que foi criada. Porque é livre, dona de inteligência e de raciocínio.

Entre as responsabilidades que pesam sobre nós, ressaltam a de formar o nosso carater e a de trabalharmos pelo bem comum, amando aos outros como a nós mesmos. Em vista, porém, das invenções que sucedem, tudo tendo para se transformar no sentido de servir melhor e mais praticamente aos interesses coletivos. E' preciso, diante da absorbente preocupação pelas *coisas* unicamente humanas, nunca esquecermos os deveres para com a nossa vida espiritual, porque, do contrário, ficaremos sujeitos aos precalsos e insucessos que acompanham o *desequilíbrio* da vida espiritual e animal do homem e a incompreensão das coisas do espírito sobre que tão admiravelmente discorre S. Paulo, escrevendo aos Corintios (1, 2, 14).

Saibamos, pois, guiar-nos "entre estes dois mundos: o em que vivemos e o para que vivemos.

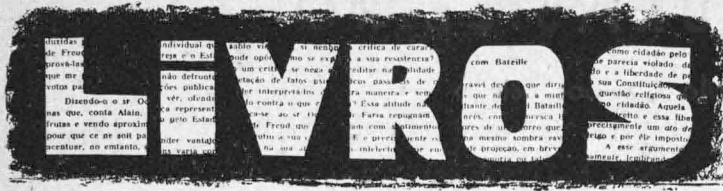
OPINIAO DA DIRECCÃO DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE ESTATISTICA DE ALAGOAS

SOBRE "RENOVAÇÃO"

"Empenhado o D. M. E. em um largo programa de divulgação cultural, o aparecimento de "Renovação" representa, para nós, motivo de intenso júbilo, uma vez que se associa ao movimento comum dos que trabalham pelo alevantamento espiritual do nosso povo. Auguramos, porisso, o mais completo êxito à publicação que esclarecidamente dirigis, certos de que o povo pernambucano saberá, como na justa e oportuna campanha em benefício dos "sem tectos", perstigiari sempre as grandes cruzadas sociais".

a. Mah Lobão Barretto

Por AUGUSTO DUQUE



“AFIRMAÇÕES BRASILEIRAS”

Fernando Mota

Publicado no n. 4 de “Caderno da Hora Presente”, a notável revista da inteligência nova do Brasil, que iniciou um novo ciclo da cultura nacional — o da identificação dos autênticos valores. Humanos e espirituais.

Como o título indica “Afirmções Brasileiras” é antes de tudo um livro de afirmação. Não ha tibiezas ou estrelecimentos em suas teses. Só ha um receio — o de não ser sincero. É de gente que sabe o que é e o que quer. De coragem. De conclusões.

É costume, na maioria dos nossos estudiosos, investigar os assuntos, colecioná-los em quantidade, aos pacotes, e no fim apresenta-los ao publico sem qualquer conclusão ou cheio de conclusões dubias, com o receio de ofender “dogmas” alheios. Somente, materia prima. Sem pensamento próprio dando vida.

A maior virtude de Fernando Mota é, propriamente, rebelar-se contra essa norma. Afirmar. Conta os fatos e os interpreta. Enfrenta-os com coragem. Bombardeia os problemas, desaloja-os e conclue alguma cousa.

No presente livro fica á vista o que de revolucionario existe na mocidade brasileira que, nesta hora tormentosa, prepara os heroismos vindouros. Ela sabe pensar. Estuda. Não lhe são consignadas idéas de fóra.

Não poderíamos, nestas curtas linhas, dar uma inteira informação do livro de Fernando Mota. Encerra muitas questões. Muitos assuntos. Lendo-o somos metralhados, continuamente, por uma multidão de pensamentos, em avalanche, nos forçando á reflexão. Vai abrir discussões porque evidencia problemas. Põe á vista, os fatos em choque. O seu maior merito está nisso. Convida á luta que “é a atmosfera da idéa”.

“Afirmções Brasileiras”, traz, principalmente, á cena a

figura de Bolivar, Méca de todos os peregrinos do inquieto espirito continental, nesta hora de ajuste.

Fernando Mota mostra como o nosso continente foi que primeiro reagiu contra o erro do liberalismo. E, instituiu o regime autoritário, em procura de equilibrio. Assim, não ha qualquer exotismo, nos partidarios de um estado autoritario americano. Ha uma continuação. Um reencontro de situações. Uma identificação. O governo “forte e temperado” de Bolivar é bem o que precisamos. Estamos, quasi, pagãos do pensamento do Libertador.

Essa é a tendencia dominante nos espiritos, legitimamente, integrados no “ser” nacional e continental. E a questão de confederação? Não é o internacionalismo judaico que vem á mente nos portadores do “espirito” rotary.

Nem causa os receios de certo jacobinismo indigena. É um equilibrio. Um imenso equilibrio.

Todas essas questões pulam da realidade presente e são tratadas no livro de Fernando Mota.

Conclue: “Ha uma geração em expectativa”.

Muito bem. Mas, não em expectativa passiva. E sim, ativa. Tão ativa que é capaz de realizar a si mesma.

“EXALTAÇÃO A’ POESIA SERTANEJA”.

Ulisses Lins e Oscar Brandão

Dividido, naturalmente, em tres partes: discurso de Ulisses Lins; discurso de Oscar Brandão; “Livro de Iná” poesias de Ulisses Lins.

PRIMEIRA — Ulisses Lins é o poeta das cousas do sertão. Canta as suas alegrias e as suas tristuras. Começou a ver-sejar com aquêles tropeiros que são a voz do populário (folk-lore) sertanejo. Sente com êles. Orgulha-se dêles. É cheio de simpatia humana. De humor natural.

Nas angustias do meio insolente o nordestino realiza o milagre da vida. Não só da

vida, da poesia, tambem. Da poesia agreste e ingenua. Como uma fruta do mato.

Lá, onde, como diz Potiguar Matos, “o sol matou a terra e bebeu na taça dos caldeirões o sangue da paisagem”, Ulisses Lins canta a poesia sertaneja. Quer ser, mesmo, um cantor comum. Mas, chega a ser mais do que isso. Tem uma grande alma. De poeta.

Os homens da Academia Pernambucana de Letras elegeram-no “imortal”. E, Ulisses, vem, solene, tomar posse do seu logar. Grave e sereno. Aceita-o em nome dos tropeiros matutos. Como seu embaixador. E faz um discurso sobre o patrono da cadeira. Sobre seus antecessores. Sobre os cantadores barbaros da serra. Ele é a mensagem dêles. Quer que esse seja o seu premio.

SEGUNDA — E’ o discurso de Oscar Brandão. De recepção. Uma historia comprida. Uma sina cumprida. Quadrinhas matutas. Narrações. Oscar Brandão é uma figura curiosa. Deve sentir-se alheio ao nosso tempo. Contudo, é um grande espirito.

TERCEIRA — O Livro de Iná. São poesias-lagrimas de Ulisses Lins á filha morta. De um pai cristão E poeta. São paginas de dor em versos bons.

Sonetos de verdade. Sobre uma brecha no coração. Com muita alma.

“NOVOS RUMOS DA PEDAGOGIA”

Arnóbio Graça

E’ para ser simplesmente uma tese ao proximo concurso de pedagogia da Escola Normal. Mas, é muito mais do que isso. E’ uma centelha. De inteligencia. De equilibrio. De cultura. Um pacote de pensamento. Dos bons.

A pedagogia sofreu todas as atribuições do espirito, des-norteiou-se, desde que foi quebrado o equilibrio medieval. Foi positivista, naturalista, pragmatista. Passou por todas as compreensões do espirito inquieto. Pertenceu ao

jôgo de todos os sistemas. E, em nossos dia, tornou-se pedagogia integral, pedagogia dirigida para subsistir como escreveu Arnóbio Graça. E’ essa dialética que êle, nessa tese, explica e conceitua, mostrando com precisão que está identificado com os verdadeiros rumos do pensamento humano, “nesta hora inquieta de intensa procura”.

Não foi, somente, evolução da pedagogia. Foi, tambem, progresso. Incoercível e bom. Caminha tudo para um reajustamento. Em todos os sentidos, para um verdadeiro humanismo renascentista voltado contra o próprio homem, como ensina o gênio anunciador de Berdiaeff.

Arnóbio Graça tem personalidade. Pensou e escreveu a sua tese. Não com a frialdade de um ganha-pão. Porem, com o calor moço de um idealismo. E’ uma cultura e uma vontade a se rviço de um pensamento. Sem literatura baráta. Sem fugir ao assunto. Com equilibrio e com intelligência.

Quando, mais adiante, a a pedagogia, entre nós, acertar o passo, verdadeiramente, como sistema de importancia e objeto de real especulação, a tese de Arnóbio Graça servirá como o primeiro passo autônomo da nossa ciência de educar. Será um marco. Nê-la existe um completo esquema de uma obra de grande porte. Que seja realizada. Que Arnóbio Graça nos dê mais trabalhos dessa natureza.

E’ o que esperamos.

SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO — Brasileiros!

Auxiliai, patrioticamente, a operação do Recenseamento de 1940 afim de que ao Estado Novo sejam facultados elementos estatísticos que o habilitem a enfrentar e resolver os grandes problemas nacionais da instrução, assistência médico-sanitária, previdência social, ordem e defesa públicas, movimentos humanitários e muitos outros.

— Seão úteis a vós mesmos!

CINEMA BRASILEIRO

Murilo Campos Falcão

Com a descoberta do cinematógrafo parecia que a humanidade tinha encontrado um método mágico, no terreno educacional e pedagógico.

A educação das massas seria facilíma através das películas cinematográficas, porquanto, com a assistência oficial, os films não teriam outro escôpo, sinão o de instruir, e mesmo o de propugnar pela moralidade.

Tal, porém, não é o que aconteceu. Os films que assistimos, forjados nos "studios" e laboratorios de companhias sem nenhuma noção do que venha a ser escrupulo, na sua maioria alojadas na America do Norte e na Inglaterra, nada mais deixam a desejar, pelo menos no campo chafurdoso da immoralidade desenfreiada, ou na senda pedregosa dos vícios os mais abomináveis, que a historia ha registrado.

Parece mesmo que ha um plano preconcebido, predelineado, para corromper a mocidade que, procurando uma diversão, aflye para as chamadas casas de diversões, embóra, algumas vezes, um distico proibitivo detenha a entrada de menores.

Não ha, pôr assim dizer, uma diversidade de narrativas nos films que assistimos. É sempre a historia complicada de casais ranzinzas; uma esposa audaciosa e infiel, que se celebrija na manha de enganar o marido, e o decantado exito dos "gangsters", que ficam melhormente aquinhoados na vida, todas ás vezes que conseguem raptar um filho de algum milionario, ou assaltar algum banco endinheirado da Atlantic City. Isto é o que vemos nos films, levados em cena nas cidades de todo este vastissimo Brasil.

O que é forçoso declarar, é que nem todos os especta-

res têm o intuito e a vocação de tornarem-se profundos em matéria de criminalogia aplicada, e muito menos ainda o de fazerem o curso da arte de furtar.

Temos varios exemplos de crianças que têm roubado, só pelo fato de têrem assistido films, onde o método deshonesto é explicado praticamente, e com todos os seus repetentes pormenores.

Quanto aos adultos, estes também têm sofrido a pernicioso influencia dos films, que assistimos quotidianamente.

Assim sendo, não é possivel que uma mocidade educada numa escola como essa chegue a formar cidadãos honestos e moralizados, úteis á familia, e necessarios sustentáculos da Pátria.

Talvez já se saiba qual a mão negra que detém essa utilissima industria, hoje, infelizmente, transformada em ceifeira de bons costumes, e extirpadora de nossas tradições.

Torna-se facil, na época em que vivemos, a identificação desses artistas de proscenetas, porquanto, os seus métodos são pôr demais conhecidos, e muito bem propalados.

Urge, pois, que os poderes publicos procurem insentivar a criação do *nosso cinema*, do cinema que exprima perfeitamente a nossa educação e os nossos costumes cristãos, sem procurarmos-nos moldar pelos costumes e habitos de outras nações, onde a lingua e a propria formação historica formam a desigualdade evidente, e exprimem cabalmente o contraste.

Queremos, pois, somente um cinema: O CINEMA BRASILEIRO.

"TERCEIRA SEMANA DE AÇÃO SOCIAL" — Arquivos — A. S. C.

Vivemos muito tempo na illusão de uma maioria católica. Catholicismo mestiço. A *outrance*. Assim, passamos quasi tôda a nossa vida nacional. Mas, neste século, quando as terríveis consequências dos conflitos totais do mundo chegaram até nós, patenteiou-se a precariedade do nosso catholicismo.

Os mitos evolucionistas, transformistas, positivistas, enfim, naturalistas, impunham as normas. Mas, caíram. Então o mundo todo procurou ajustar-se. Perquiriu o sentido perdido na orgia moderna. A renovação da conciencia espiritual e religiosa faz-se, valentemente. Leão XIII traçou a rota da caminhada. Para o Brasil, entretanto, não se faz renovação de ordem de coisas. Faz-se uma verdadeira

criação. *Anibal Porto*, o notável semanista, diz: "No Brasil o problema não é o da restauração, mas, sim o da instauração da ordem social cristã..."

Temos, então, o movimento católico conciente, verdadeiramente, nestas plagas iniciado por Jackson de Figueiredo que empolga, nesta hora de gerais apreensões, tôdas as consciências legitimamente nacionais. Uma multidão de livros portadores desse espirito inovador enche as montras das livrarias. Uma avalanche de realizações enche o quadro das atividades do nosso pensamento. Desse espirito, desse pensamento as Semanas de Ação Social são realizações eloquentes.

A Terceira Semana foi realizada nesta cidade. Os seus *Arquivos* temos, neste momento, em mão, para esta notícia.

É uma coletânea de estudos bem pensados, com o resultado de um censo feito heroica-

mente pelos promotores da Semana. Pelo que se vê, pertencer à Ação Social é um título de qualidade. É um atestado de pensamento. De atividade construtora. Cristã. Boa. Verdadeiramente boa.

Os estudos são todos bons. Impregnados, poderosamente, do espirito cristão, da vontade de servir ao próximo e á coletividade. *Anibal Porto* em "Considerações Iniciais" faz um exame sobre a interpretação de certos fatos sociais e expõe o pensamento e a ação a Igreja nas Semanas Sociais. Seguem-se as varias comunicações dos semanistas. Salientamos entre outros os trabalhos de René Ribeiro, Sousa Barros, Luis Delgado, Hildebrando Menezes. Acompanham as conferências do Pe. José Tavora, prof. Barreto Campelo e Pe. Bréntano.

Do conjunto desses estudos salta á vista o que de problemas sociais existe para serem resolvidos em nossa precária

organização. E sob o espirito e método da Ação Social Católica é que tem de ser feita a identificação dos nossos desajustamentos sociais.

A Igreja Católica caluniada, incompreendida, mas, divina, continuará a sua missão, incoercivelmente e sob a sua atividade será refeito o equilibrio esbandalhado pela rebeldia moderna.

Nesse momento de incertezas, fica-nos uma certeza, uma grande e formidável certeza—sobre o choque dos conflitos perdura a Igreja. E, sob os principios cristãos os males humanos serão diminuidos e a ordem restabelecida.

Assim, a Ação Social Católica, ponto imediato dessa obra eterna na reestruturação social hierarquica, deve centralizar, nesse instante, tôda a nossa atenção.

Isso foi o que pensamos á vista dos Arquivos da Terceira Semana de Ação Social.

AUGUSTO DUQUE

EDUCAÇÃO PROLETÁRIA

Por Arnobio Graça

A todos que observam o fenômeno das massas dentro das civilizações eminentemente urbanas, não escapa a necessidade de considerar que o valôr das mesmas não depende, apenas, dos meios de aquisição, mas da formação espiritual e moral. Antes das preocupações de elevação do nível econômico do proletariado, há a consciência da sua própria grandeza. O socialismo científico, essa refinada mentira, que para Plekanof nasceu de uma concepção do universo, não esqueceu o problema da formação do espírito revolucionário das massas russas dentro das escolas experimentais e de acôrdo com a preparação política para o ideal de construção.

Os sistemas políticos não se sustentarão jamais, se à marcha do progresso técnico, não acompanhar o ritmo da revolução espiritual. Dai, o imperioso dever de os cinzeladores de nações jovens penetrarem na alma do proletariado para de lá nascerem as formulas creadoras. A educação operária não será resolvida pelos princípios de superação pedagógica inventados pelo capitalismo científico. Não obstante os resultados práticos obtidos por certos sistemas como o **fordismo**, o **faiolismo** e o **tailorismo** no campo das atividades industriais, contudo não acreditamos na sua confusão que decorre da própria adaptação do homem aos fatores da produção. É a deshumanização mais cruel, a luta pelo maior **rendimento profissional** que coexiste com o **rendimento escolar**, como fluxo das modernas concepções pedagógicas. Se o **impasse** aparece nos sistemas de aplicação científica da educação, que podemos dizer, sôbre a formação total do proletariado que ainda é para nós, imitadores, um vício de cultura? O que há, porém, nesses passos avançados, é uma superficialidade que causa pena, filha do liberalismo, cheio de contradições, retórico, saudosista, futil.

Não será a experiência yankee o modelo das nossas experiências futuras. Não negamos o valor de certos capitulos da pedagogia industrial, mas não aceitamos todos os seus erros. Entre nós, o problema das profissões é um Deus-nos-acuda. Se houvesse por exemplo, cuidadosa orientação profissional no sentido de aproveitar os mais hábeis, o clamor das cidades litorâneas talvez cessasse de ecoar, dolorosamente.

Não há negar a relação de causa e efeito entre a ausência de educação profissional e a questão do pauperismo, chômage e miséria.

O problema da educação proletária se apoia na **psicologia diferencial** de Stem, Caetell, Galton e Charcot, que trouxe, incontestavelmente, muitos ideais no que tange à aplicação de princípios técnicos no curso da aprendizagem. Mas os autores já começam a fazer muito barulho e, em breve, a parte especulativa ficará esgotada. Resta-nos a concretização para que se desen-

volva o operariado nacional, o seu coeficiente humano na produção das riquezas. A orientação profissional é, hoje, a base da ciência do trabalho que encontrou maior éco na economia dirigida. Nela, influe a **psignose** e a **psicotécnica** que muitos tratadistas separam erradamente. **O valor social e econômico do operário**, o maior **rendimento profissional**, a **distribuição racional** das atividades, a solução dos conflitos de classe — tudo constitue assunto importante nessa espécie de didática e, mormente, quando o Brasil se prepara para dar a sua palavra ao Continente e ao mundo. A sociedade está cheia de inadaptados, de homens sem trabalho e de anormais pedagógicos.

Todavia, não se trata de soluções miraculosas em que os reformadores se sentem como os legisladores antigos da Grecia e de Roma, influenciados por forças misteriosas e divinas.

A realidade é dura e sôbre ela é que teremos de construir o nosso próprio destino de povo forte e independente. O nosso esforço será fecundidade creadora. E dessa sintese, nascerá o segredo da vitória final.

A Camisaria **GLOBO**

Se não é deve ser a sua Camisaria
**R. DUQUE DE CIXIAS 205 – Fo-
ne 6749**

HOTEL AVENIDA

Francisco H. Costa

Endereço Telegrafico "AVENIDA"

Fones { GERENCIA n. 6682
2.º ANDAR n. 6534
4. APARTAMENTOS n. 6587

CASA DE 1.º ORDEM

Avenida Martins de Barros

R E C I F E

O ESCOTISMO E DEFEZA NACIONAL

OSWALDO GUIMARÃES

Nesta hora de agitação para o mundo, em que a duvida e a incerteza pairam acima de nós, quando a descrença parece invadir e dominar os espiritos, a palavra "nacional" representa para nós todo um patrimônio, visto o conceito biológico e social com que a encaramos. Assim é que não podemos prescindir do conceito de Pátria, chamada consciência e vontade.

Ela existe, não como expressão individual, mas afirmação coletiva. Não como a soma física dos indivíduos, que num determinado momento existe num território dado, mas um estado de consciência, um patrimônio de valores morais e materiais, a cuja formação contribuíram as gerações que nos precederam, com a obrigação de o conservar, acrescentar e transmitir aos nossos descendentes.

A Pátria é o sentimento, é a razão. É o povo num grande conjunto histórico, compreendendo todas as gerações, "não só as do passado, as dos nossos pais e dos nossos avós, mas as que hoje vivem".

Em todos os países do mundo, nos momentos mais críticos, quando a duvida e a incerteza dominam por toda a parte, aparecem sempre os super-homens, levantando e guiando os outros homens, dissipando as duvidas e acabando com as incertezas. Em Portugal e noutros países da Europa, surgiram os predestinados a arte de governar, não com os mesmos meios e a mesma técnica, porém com as modificações próprias dos sentimentos e das condições locais de cada agrupamento. É que eles procuraram fixar a Pátria nesse grande conjunto histórico, compreendendo todos os seus valores. De nações fracas, crearam e construíram potências consideradas hoje fortes e poderosas.

Não se compreende nacionalidade, sem essa visão profunda de todos os seus valores, das suas reservas, das suas tendências, das suas necessidades. Portanto, um conjunto de causas, impostas também por conjunto de circunstâncias, constitui aquilo que chamamos nacionalidade. Tudo que existe, seja por uma causa natural ou accidental, tem a sua razão de ser. A Pátria ou nacionalidade, esta ou aquela denominação com que procuramos definir um conglomerado de indivíduos, presos pelos mesmos sentimentos, pela mesma língua e pelas mesmas tradições, tem uma razão de ser, consequentemente, tem uma finalidade.

No conceito individualista, a nação não tem essa expressão de vida. Perde a sua finalidade, porque o individuo passa a ser um fator de discordia, a inteligência materializa-se, os sentimentos dissociam-se, o odio provoca exigências que o homem até então desconhecia. A Nação é um objetivo, e assim como a arvore que se sustenta na terra, tirando-lhe os alimentos de que necessita para seu desenvolvimento, o homem encontra nela o seu ambiente e a projeção de sua própria personalidade.

Buscando conceitos, valendo-nos de exemplos, é que afirmamos a nossa confiança nos destinos da nacionalidade brasileira, porque sentimos que a Pátria marcha para uma nova ordem de cousas e que os responsáveis diretos por todo o patrimônio que os nossos antepassados nos legaram, estão procurando conservá-lo, acrescentá-lo, e transmiti-lo aos nossos descendentes.

Acima ficou dito, embora sem arte e sem erudição, como certos povos conseguiram caminhar seguros para concretização dos sublimes ideais que consagram os homens, quando em defesa das instituições, da ordem e da nacionalidade, principalmente, quando tudo isto visa o desenvolvimento das fontes de produção, melhoria nas possibilidades econômicas, enfim garantias da vida individual e coletiva, que outra cousa não é, senão a própria defesa nacional.

Assim é que podemos dizer que no Brasil tem havido homens com o senso da realidade nacional, logo, que fixam a imagem da Pátria num conjunto histórico de valores, consequentemente, trabalham pela defesa nacional. Entretanto, o que fizemos nada representa em face do muito que temos a fazer. A cada brasileiro está reservada uma importante tare-

A propósito de "Escotismo e defesa nacional", do nosso colaborador Oswaldo Guimarães, recomendamos a leitura da "L'Illustration" francesa de 16 de Setembro último, a qual dedica várias de suas páginas ao Escotismo Francês ao serviço do país. Fartamente ilustrada, assistimos à mobilização dos escoteiros. Na cidade o escoteiro é o estafeta e o artesão da defesa civil cavando trincheiras abrigos. Rumando ao campo o escoteiro substitue o agricultor mobilizado. Com os sacos ás costas e as mascaras anti-gazes de lado, eles partem joviais para a luta em defesa das reservas econômicas do país.

Si tudo isso foi possível em França não foi o resultado da improvisação. Como bem o diz o poema escotista:

*"Não se improvisam atos heróicos
eles resultam de um longo labôr estóico."*

fa na hora inquieta em que atravessamos, tal seja a de trabalhar pelo bem coletivo, tendo em vista a grandeza da Pátria, a defesa nacional.

É preciso não perdermos tempo com discussão estéril, nem tão pouco contentarmo-nos com as soluções apresentadas nas boas ocasiões, quando falta assunto para expansão da nossa personalidade, quando outros entram no terreno da realidade, dando pronta solução aquilo que julgávamos irrealizável. "As vitórias faceis não são vitórias, seduzem apenas os espiritos medíocres. A verdadeira vitória é aquela que se consegue a golpes de méritos e de sacrificios". A defesa nacional é daquelas que exige tudo de nós. Não basta a solução de um problema, para que tenhamos conseguido a defesa nacional, mas a solução de vários problemas constituindo uma corrente cujos elos construídos de metal forte, inoxidável, possam aparecer a garantia da sua própria resistência.

Entre os problemas de defesa nacional, o problema da educação é sem dúvida nenhuma o mais importante, justamente por ser o problema de formação de um povo, o mais complexo e o menos compreendido. Quando na vida se nos apresenta a grandiosa oportunidade da formação moral e profissional de uma creança, devemos ter em mente não só o futuro da creança, e o nosso próprio futuro, mas acima de tudo, o futuro da Pátria. Ao educador cabe a responsabilidade das gerações de amanhã. Portanto, deve orientá-las pelo verdadeiro caminho, evitando desvio de suas tendencias, preparando-as para o bem coletivo, tornando-as fortes pelos exemplos e pela convicção, fazendo-as úteis pelo espirito de sacrificio e de renúncia, disciplinadas para garantia do patrimônio que lhes fôr entregue, podendo servir assim a própria defesa nacional.

"Triste verdade que é preciso dizer e repetir. Repetir e dizer tantas vezes até que se crie, na alma viva do homem do campo, como na alma do homem de govêrno, principalmente na alma daquele onde existe, puro e imutável, o sentimento de brasilidade que nos formou, que se crie repito, e se fixe na consciência nacional a idéa salvadora, movimentando-se em torno da única política susceptível de nos desviar de futuros abismos. Essa política ha de se orientar no sentido de assegurar a preponderância do interior sobre a pompa das capitais." Nós daqui ainda dizemos com mais certeza, essa política terá que se orientar no sentido escotista, para que assim possamos ter assegurados os meios para a nossa defesa Nacional. Teremos que realizar o aproveitamento de todos os nossos pequenos patricios abandonados, concentrando-os em campos agricolas para que eles possam ser úteis à Pátria,

preparando as suas fontes de riquezas naturais, afim de que amanhã não tenhamos a tristeza de experimentar aquilo que aqueles povos que se degladiando em campos opostos estão sentindo, quando o estômago reclama alimento para o corpo.

Homens de todas as côres do Brasil, vinde contemplar aqui em Jaboatão, no campo de escoteiros, bem no coração da Pátria, a ordem, a disciplina, o espírito de renúncia e de sacrifício, vindes ver com os próprios olhos, o que podemos realizar em benefício da Pátria comum, em benefício de nós mesmos, preparando as reservas da defesa nacional. E quando isto acontecer para grandeza de Pernambuco e felicidade do Brasil lembremos-nos daqueles que sacrificaram o seu precioso tempo, consagrando-o na conquista e na proteção dos nossos irmãos, que viviam esquecidos e abandonados.

Escoteiros, quando a nossa obra tiver estrutura social, quando ela for uma organização oficial, lembremo-nos do nome do general Newton Cavalcanti, mentor e sustentáculo do escotismo agrícola, quando aqui esteve dirigindo os soldados da Pátria.

Escoteiros, esperai pela vossa hora. O espírito e as Nações como dizia Renan, têm as suas épocas. O Brasil está vivendo a sua época, construindo o seu futuro. Esperai pela voz de comando dos nossos públicos para que o Brasil possa fazer tremular a bandeira escotista, que é a própria bandeira da grande Pátria e é a bandeira com que teremos de lutar pela defesa nacional.

CADASTRO E NOMENCLATURA DAS RUAS DO RECIFE

(Continuação da pagina 11)

- 21 — Forte do mar. Está desarmado por inutil, o qual fica junto ao farol da barra.
- 22 — Fortaleza do Brum.
- 23 — Forte a que os portugueses chamavam de Buraco de S. Tiago. Os holandeses — Forte do Brum — Hoje é conhecido pelo nome de forte do Buraco.
- 24 — Ilha conhecida por — Nogueira.

- 25 — Lugar denominado Salinas; ainda hoje conserva este nome.
- 26 — Aldeia de Indios na estrada de Parnameirim.
- 27 — Viveiro de peixes, que recebia agua do Rio Capibaribe.
- 28 — Engenho da Madalena então chamado Engenho do Mendonça.
- 29 — Forte dos Afogados denominado pelos holandeses — príncipe Guinhem.
- 30 — Ponte dos Afogados.
- 31 — Casas que haviam na freguezia da Bôa-Vista, no lugar que hoje é conhecido por Ponte Velha.
- 32 — Barra.
- 33 — Casas nobres que, os holandeses denominavam Amelia.
- 34 — Pequenas sobre o rio Beberibe, no lugar em que está a Igreja do Pilar em Fóra de Portas. Foi esta a fortaleza de terra, que denodadamente se defendeu quando os holandeses invadiram Pernambuco em 1630.
- 35 — Aldeia de Indios no lugar, que tambem é conhecido pelo nome de Salinas.

NOTA

Os holandeses cercaram o Recife e Santo Antonio de trincheiras e muralhas guarnecidas de artilharia e protegidas de espaço em espaço por Bastiões. Destas fortificações restaram algumas muralhas no Recife, o Forte que os portugueses denominaram Quebra-Pratos, que era junto ao demolido arco do Bom Jesús, e que ha bem pouco tempo estava alugado a um particular, e as muralhas do Forte do Mato sobre as quais a Companhia dos vapores costeiros, edificou os seus armazens, quando era gerente da mesma o Capitão Maritimo, Francisco Ferreira Borges.

Recife, 18 de Outubro de 1874.

José Soares Pinto Correia

OFEREÇA AO SEU AMIGO
VISITANTE ALGUMA COISA GE-
NUINAMENTE PERNAMBUCANA

“PERNAMBUCO”

Sortimento Extra-Fino Pilar

UMA LEMBRANÇA INESQUECIVEL. UM PRESENTE INEGUALAVEL.

A MAIS MODERNA FABRICA DE BISCOITOS
DA AMÉRICA DO SUL

COMPANHIA PRODUTOS PILAR S.A.

NOVOS RUMOS

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 4)

o pessimismo de Hobbes, podem continuar a orientar o pensamento político da hora presente, porque novos rumos se impõem às consciências.

O apoliticismo e a politicagem, frutos da política liberalista, demarcam o ambiente onde a luta de interesses e de instintos recalçados, enfraquecem o poder, e se antepõem à marcha rítmica da ordem e da disciplina do Estado.

O apoliticismo isolou o homem do seu ambiente, alheando-o totalmente das suas responsabilidades e fins. A politicagem deslocou as partes do seu centro orgânico, e as forças econômico-sociais tramaram a destruição do equilíbrio da balança social, o Estado.

Agora, porém, mudaram os quadros, e um novo cenário se afixou ao pensamento. O organismo social brasileiro, após as vicissitudes passadas busca o seu ponto de equilíbrio.

USINA MASSAUASSU' S/A

Dr. José Henrique Carneiro da Cunha.

ESCRITÓRIO NO RECIFE:

RUA MARIZ DE BARROS 161 — 1.

Produção de Açúcar: — 134.061 sacos.

Produção de Alcool:

8.000 litros diários.

Município de ESCADA — Pernambuco.

A MANTEIGA

“PEIXE”

E' insuperavel

DEPOSITO

RUA DAS CALÇADAS, 70

Fone 6718

Recife

Dar o seu palpite para o Concurso Esportivo do “BAZAR PERNAMBUCANO” é divertir-se gastando pouco, é torcer pelo seu Clube, e fazer força pela vitória, é aumentar a sensação!

COM A IMPORTANCIA DE 2\$000

V. S. estará habilitado a ganhar um grande premio se o seu palpite não falhar

BAZAR PERNAMBUCANO

Rua do Imperador, 395

As partes outrora desagregadas, buscam o seu centro orgânico e o todo tende à ordenação mais perfeita.

E o ambiente convida o homem a mudar de atitude também.

Porque não ha mais lugar para os filantes, e os fachadistas perderam a sua época.

A indiferença ainda evidenciável no brasileiro, precisa ser eliminada duma vez por todas.

Pois a família é a celula da Nação; e o Estado é a Nação organizada.

E não se compreende a família fóra do ritmo sadio do Estado.

Em todos os ramos de atividades — econômicas, morais e intelectuais, — ha um vasto campo de cooperação com o órgão centralizador de todos os movimentos da Nação.

E por isso, urge que o homem se integre definitivamente na Política, isto é, na propria vida do Estado.

Ninguem póde ficar fóra da Política, porque são os trabalhadores do braço que realizam a tração motora à marcha sempre crescente do progresso material da Pátria: os trabalhadores do Espirito recristianizando as grandes massas, formando consciências, plasmando caracteres, precisam a formação moral e espiritual de um povo; e os operários da inteligência, nas constantes especulações científicas ou estéticas, formam a mentalidade dos homens, iluminam as inteligencias necessitadas e modelam a cultura dos povos.

Todos que trabalham enfim, têm como condição substancial de sua vida em sociedade, cooperar com o Estado e realizar a mais sadia Política, porque é assim que se governa e orienta os povos.

E a ação de todos esses, consiste precisamente, em orientar o homem nacional à verdade, opondo um dique ao contágio do virus lançado às grandes massas, pelos detentores das culturas apressadas.

Não ha mais lugar para o comodismo, e nem ha mais ambiente para o cético.

É preciso despertar as energias adormecidas — e desencadeá-las — para despertar o movimento n'aquelles que envelheceram.

A vida é movimento.

O repouso é a morte.

O sonho é a miragem.

A miragem é móvel, constante, inatingível.

E somente os jovens sonham, porque vivem em busca do futuro.

E felizes d'aquelles que buscam a miragem, porque estarão em permanente movimento, serão sempre jovens.

Construir para o futuro, é marchar para a frente. Viver o passado, é renunciar o presente e morrer para a vida.

É mistér trabalhar à construção da Pátria, porque ela será a casa das gerações futuras.

Urge, marche o Brasil.

É preciso que marche a Nação.

Marchem, portanto os homens que produzem e realizam, os homens que trabalham, porque eles a representam.

E é preciso caminhar, caminhar construindo para a realização do esplendor da grande Pátria do futuro, que os brasileiros saberão construir, com a sua vontade e a sua fé.

O ABASTECIMENTO D'AGUA NO RECIFE

(Continuação da página 8)

represamento se estende a 6 kms. rio acima, cobre uma superfície avaliada em 517.000 metros quadrados, com uma magnífica bacia hidrográfica, medindo cerca de 12.000 hectares.

O volume d'agua acumulada na represa atinge 2.500.000 metros cúbicos e a agua tratada em 24 horas é estimada em 37.000 metros cúbicos. O tipo de barragem "é submersível ou vertedouro com paramento de montante vertical e de jusante inclinado a 3 de base por 4 de altura".

As linhas distribuidoras, todas em tubos de ferro fundido, de diametro variando de 750 m/m a 100 m/m, formam uma rede de 211 quilômetros 417 metros de extensão.

O número de economias abastecidas atinge 18.024 e o hidrometros, funcionando nas derivações, estima-se em ... 11.120.

Além do abastecimento a domicilio, que é inteiramente continuo, existem os "chafarizes, localizados em diversos bairros. Estima-se em 30 o número de "chafarizes" em pleno funcionamento, que durante o ano de 1938, forneceu ao público 175.618m³, d'agua. O volume total do precioso liquido distribuido à cidade, no decorrer do ano de 1938, eleva-se a 11.011.650 metros cúbicos, ou sejam por dia ... 30.587 em média.

Alóra o grande manancial de Gurjaú, temos os dois po-

derosos mananciais de- Dois Irmãos e Monteiro, cujo reservatorios de compensação acumula 12.000 metros cúbicos.

O fornecimento d'agua aos consumidores é feito ao preço médio de \$400, sendo os máximos de consumo mensal fixados de acôrdo com o valor locativo. O consumo excedente do máximo fixado é pago a razão de \$600 por metro cúbico, até um limite de 150 metros cúbicos por mês.

(Comunicado n. 4. Do Serviço de Informações da Diretoria de Estatica Propaganda e Turismo).



DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS!

— Também, por linhas sinuosas, forneço um serviço certo aos meus consumidores. É que, o trajecto entre a usina, meu ponto de partida, e os logares onde trabalho, ha inumeros obstaculos que minhas linhas de transmissão e distribuição precisam vencer e vencem. Passo por todas as ruas, subo e desço ladeiras, paredes e telhados, mas chego onde fui chamado. — diz o Snr. Kilowatt, seu criado electrico.

Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.

RUA 1.º DE MARÇO, 106 — Fone 6750

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Ca.

Exportadores de Café, Algodão,
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE PERNAMBUCO

BANCA PREFERIDA é a preferida do povo
FONE 6550
Rua da Cambôa do Carmo RECIFE



JOALHARIA KRAUSE

Casa fundada em 1879

Jóias — Brillhantes — Perolas —
Artigos para presentes — Eletro-
plate — Objéto de arte — Relo-
gios de ouro, prata e níquel.

RUA 1.º DE MARÇO RECIFE

Filiais no PARA', MARANHÃO e RIO

Concorde minha senhora
CONCORDIA
 é o melhor calçado que se
 fabrica em Pernambuco.

Av. José Rufino n. 1407



PRODUTOS DE QUALIDADE

FARIAS BRITO E O

CONCEITO DE ALMA

(Continuação da página 7)

No seu último livro, "O mundo interior", escrito três anos antes de sua morte, fez ver brilhantemente que a questão da alma não é um mero problema de fisiologia, como queriam os estudiosos de então, mas um problema de abstração e subjetividade, o problema mesmo da consciência, inexplicável pela anatomia ou pelo mecanismo das funções orgânicas. Esclareceu, assim, o verdadeiro papel da psicologia, não tendo sido

o feliz, entretanto, ao afirmar que "a alma é uma ideia".

Disse êle que o organismo é uma produção artistica, como o são a estatua e a máquina, o homem. Explica então que nessa idéia vai a própria vida, que não é sinão a alma, e que esta — repetamos — é, portanto, "a objetivação de um pensamento invariavel e certo, e alem disto infalivel". E conclue dizendo que a estatua e a máquina têm uma alma, que é a *ideia humana* assim como o homem tem a sua que é a *ideia divina*.

Como êle quer, pois, sendo uma ideia *representada e objetivada*, a alma é ao mesmo tempo uma ideia que se petrifica, tornando-se estacionaria. Deixa de ser uma energia, uma força em ação, a vida enfim na sua expressão imponderavel e eterna. E deixa de ser, afinal, ela mesma. Porque a alma é evidentemente tudo isso. Resume, em si, o todo de nós mesmos, o todo de nossas faculdades concientes, a sintese maravilhosa de nossa vida psiquica.

Raimundo N. Fernandes



A
FAVORITA

Agente da Loteria
 Federal do Brasil.

Matriz **S. Paulo**
 Av. Rangel Pestana, 1206

RECIFE
 Rua Nova, 203 e
 Rua Cambôa do Carmo, 43
 Fone 6903

INDUSTRIA BRASILEIRA

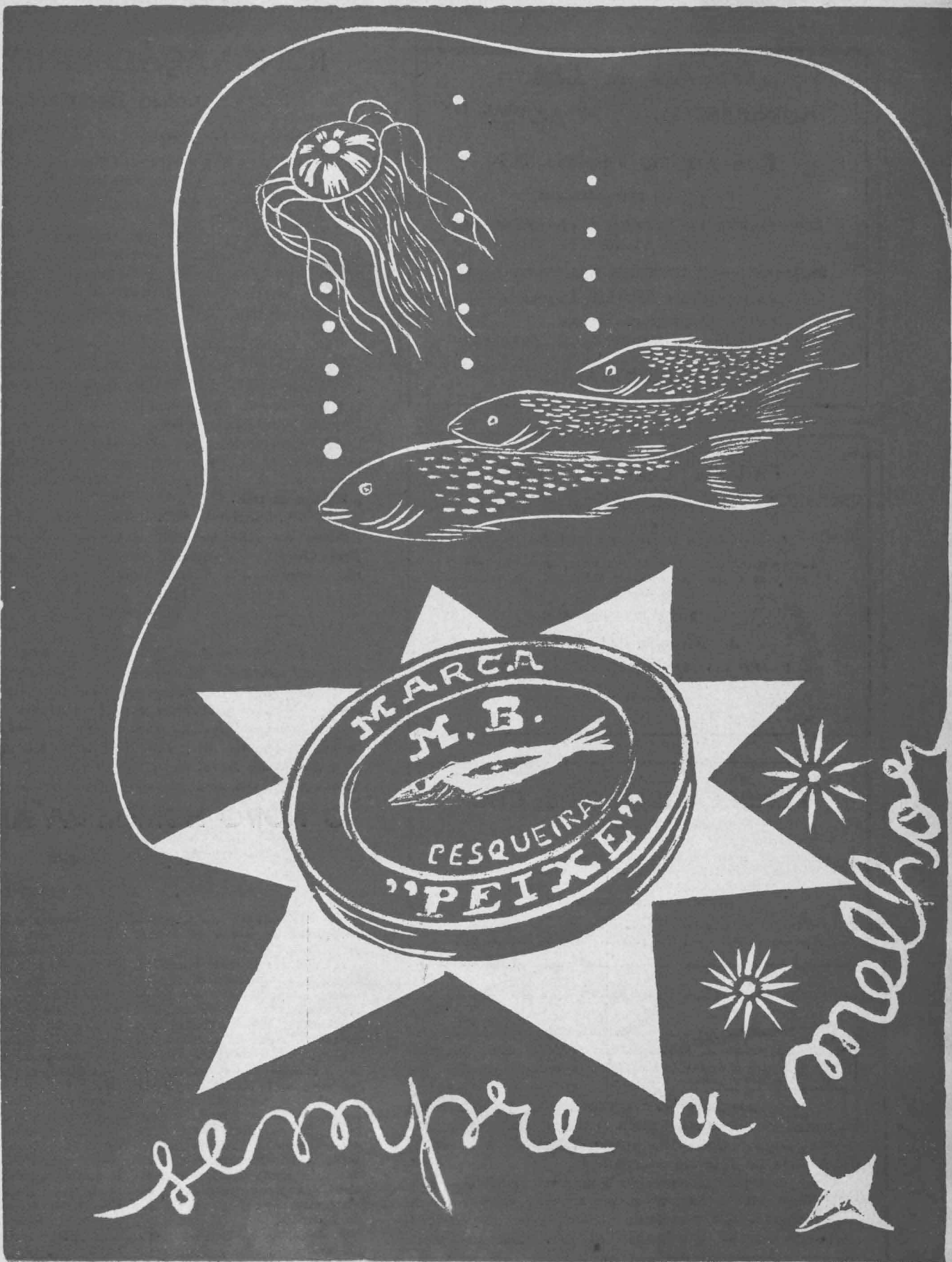
CALÇADO DE LUXO

INDIGENA

CAIXA POSTAL 667
 TELEG. INDIGENA
 TELEFONE - 6594

JOÃO NATARIO & Cia
 Av. DR. JOSÉ RUFINO, 1418 - RECIFE

G
O
I
A
B
A
D
A



sempre a

noite

OSCAR & CIA.

Tel. "BERARDO"

CAIXA POSTAL, 193
FONE 9424**Rua Vigário Tenório, 33**

RECIFE -- PERNAMBUCO

RECEBEDORES DE XARQUE E EXPORTADORES
DE AÇUCAR

EXCLUSIVOS DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS DOS

Laboratorios SPALT Limitada

REPRESENTANTES DA

CIA. DE SEGUROS ACIDENTES DO TRABALHO

"MERIDIONAL"**Padaria Leão do Norte**

FUNDADA EM 1845

A MAIS ANTIGA DA CIDADE

Casa especialista em Pães Francêses, Biscoitos, etc.
Fabricante das afamadas bolachinhas DELICIAS
e NENEM

MOVIDA A ELETRICIDADE

J. Moreira da Silva

PATEO DO TERÇO N.º 28 - Fone 6690

RECIFE**FONSECA IRMÃOS & CIA.**

CASA FUNDADA EM 1875

Fabrica de sabão — Armazem de recolher — Maquinas
Agricolas — Tratores — Kerczene — Gazolina — Oleos
lubrificantes — Automoveis "FORD"
OFFICINAS DE CONCERTO

Agencia FORD — RUA BARÃO DA VITÓRIA, 261

A GRANDE INDUSTRIA PERNAMBUCANA DE SEDAS

UMA capanha justa é a campanha da valorização dos nossos produtos, e esta iniciativa deve partir dos brasileiros, porque, a nossa industria na realidade rivalisa com a estrangeira.

O nosso lema deve ser: Brasileiros comprei produtos Brasileiros. Isto sem um sentido xenóforo, porem, na justa compreensão do esforço dos nossos industriais e da admiravel pericia do operário nacional.

Entre exemplos frisantes do admiravel aperfeiçoamento da técnica nacional, citamos os produtos da Tecelagem de Sêdas e Algodão de Pernambuco S/A, que, pela sua perfeição, valorizam a mão de obra do operário pernambucano e eleva o padrão industrial de Pernambuco.

XXX

RENOVAÇÃO SINDICAL**Pe. Leopoldo Brentano S. I.**

(Continuação da pagina 5)

Vemos, pos, que a Igreja Católica tanto repele o liberalismo individualista como o marxismo. Reivindica para operários e patrões o direito de associar-se, mas condena a luta sistemática das classes.

Si estudarmos a legislação sindical brasileira, sobretudo a sua última reforma, o decreto-lei 1.402, veremos que ela em geral se baseia nestes princípios católicos.

Ela reconhece a empregados e empregadores e mesmo aos trabalhadores, por conta própria o direito de sindicalizar-se.

Ela repele a luta de classes, enumerando expressamente entre os deveres do sindicato (art. 4) "promover a conciliação nos dissídios do trabalho, fundar e manter escolas, especialmente de aprendizagem, hospitais e outras instituições de assistência social".

A preocupação com obras instrutivas e sociais é o melhor antidoto contra a tática marxista que procura, concentrando todo o interesse sobre casos de trabalho, manter viva a chama da luta.

Enfim, chamando os sindicatos, sobretudo, quando constituídos em grau superior, à colaboração com o Governo, para estudar e promover os interesses da profissão, a lei não somente lhes dá um meio eficiente, mas também lhes impõe o dever de esforçar-se para a solução pacífica e harmonica dos problemas do trabalho.

▲▲▲

O que convém fazer pois, é despedaçar corajosamente os falsos idolos do liberalismo individualista e do marxismo destruidor e adotar desassombadamente, com respeito ao sindicalismo, os princípios cristãos e legais.

Fazendo esta revisão e renovação de idéias e praxes sindicais, estaremos integrados nas tradições sadias do Brasil e no Estado Novo.

O NOVO HOMEM DA AMERICA**Augusto Duque**

(Continuação da pagina 14)

dade atribulada, do espirito peregrino de todos os cantos do mundo velho.

E' por isso que sentimos, como que, um cheiro de manha. O magnetismo das grandes mutações históricas. Um ambiente de re-inauguração da terra. Aqui no continente.

Enquanto, o mundo ocidental executa o seu canto de cisne, trágico e terrível, quando discutem e não resolvem problemas com a dialética barbara dos canhões, nós aqui, no continente bom, esperamos, sentimos em nós mesmos, na nossa ansiedade cósmica, na nossa intuição providencial, o sol do novo dia da história.

E' o novo ocidente como, já, anunciou um grande pensador.

Porem, o novo homem. co-

mo poderia parecer, não é o desordenado periclitante às idéas libertárias. E' harmônico porque é providencial.

Não é fruto pagão de muito americanismo, que por aí existe. Porque assim ele não seria real. Não sintonizava todos esses caracteres que se interpenetram e nos dão um sentido agudo de originalidade.

Talvés exista deficiencia ou exagero nas expressões destas linhas traçadas sob o fogo do novo pensamento. Porem, uma cousa está fóra de duvida — o futuro pertence ao homem novo da America nova. Creolo, mestiço, quente, sentimental, místico, inédito, cristão, tudo numa integração harmônica ele será, forçosamente, o ponto de referência da humanidade vindoura,

Compra Tadeu Rocha

30/8/79

“ANCHIETA E A MEDICINA”

(Continuação da pagina 13)

Em Belo Horizonte, pedem a Lopes Rodrigues os letrados que escreva um artigo ou discurso sobre Anchieta e a Medicina, quando se comemora o 4.º centenario do nascimento do santo Jesuita. E Lopes Rodrigues não comete nenhuma façanha a si próprio respondendo ao convite com um livro in 4.º enfechado em 374 paginas.

Lopes Rodrigues... o autor inicia o seu trabalho com uma introdução á Medicina de Anchieta, ou a Medicina em relação ao apostolado da Companhia de Jesus. E o ideansmo tocado da tradição sagrada surge nas suas paginas: martires e ascetas, peregrinos embriagados da graça da luz do calvário, que percorrem o mundo lacerando os pés nas trilhas do desconhecido, e inflexíveis deante o pecado, esfarrapados, afrontando com o mesmo destemor os germes das ignoradas enfermidades. A patologia e a medicina do Brasil — a ter o clima, a gente e as suas coisas seguem-se como “back-ground” á ação de Anchieta. E se vai acompanhando o encanto da narrativa em crescente. O depoimento de Anchieta: vê-se o médico, o cirurgião, parteiro, higienista, legista, psiquiatra igualmente numa multiplicidade de ação de sacerdote tambem do corpo. E o desempenho da arte de curar se desdobra entre fantasmas e a natureza acabrunhante no seu misterio.

O climax da obra de Lopes Rodrigues é atingido quanto traça em espatuladas vigorosas o toque final do seu trabalho: a chave de ouro vem com Anchieta curador depois de morto, sobrepondo a própria vida na sua luta contra a morte que o atingira.

G. Fernandes

UZINA SANTA TEREZINHA

AGUA PRETA - PERNAMBUCO

Produção 500.000 sacos de açúcar e
10 milhões de litros de alcool

Orgulho da industria açucareira
do Brasil

BANCA PREFERIDA é

a BANCA n.º 1 da preferência de todos

— FONE 6550 —

Rua da Cambôa do Carmo

RECIFE

Companhia Industrial Fiação e Tecidos de Goayana

FABRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO E SACOS
PARA AÇUCAR E CEREAIS

INCORPORADA EM OUTUBRO DE 1893

CAPITAL — 3.000:000\$000 em 30.000 Ações
Integralisadas, iniciada em Novembro de 1893.

Começou a fabricar em 29 de Julho de 1895

ESCRITÓRIO DE INFORMAÇÕES

Telegramas : “FIAÇÃO” — TELEFONE, 9317

RUA NUNES MACHADO, 189

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

AVENIDA RIO BRANCO, 23 - 1.º and.—Sala 6

GOIANA — PERNAMBUCO — BRASIL

UZINA

CACHOEIRA LISA

Açucar Cristal,
Granfina e Amorfo

DOROTHEU, ARAUJO & CIA.

BAR E CONFEITARIA ELIT

Casa especialista em generos de 1.ª qualidade.

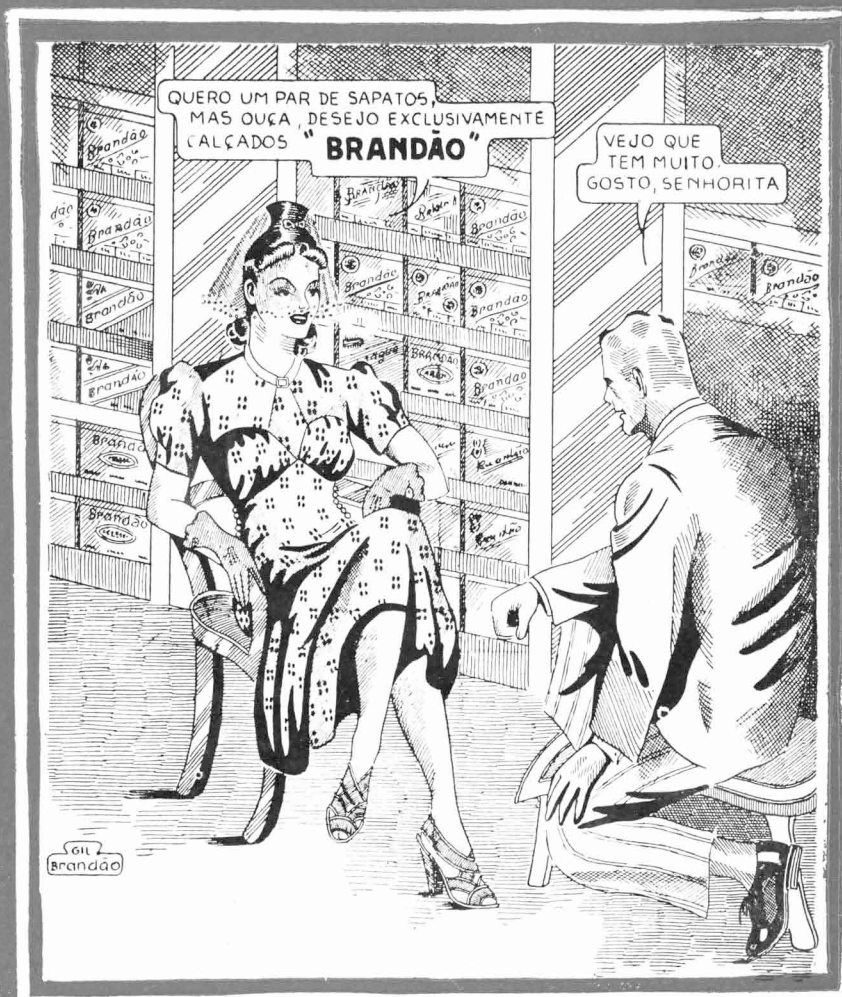
Completo sortimento de PASTELARIA,
FRUTAS. Licores, Vinhos, Champagne, etc.
Nacionais e Estrangeiros

FONE 6-0-8-6

SOUZA & GUERRA

PRAÇA JOAQUIM NABUCO, 71 — RECIFE

" BRANDÃO "



O Calçado
" BRANDÃO "

pela sua elegancia

A' venda nas principais
Casas de Calçados